



PUC
RIO

MARIA DA GLÓRIA COSTA RIBEIRO

A CRISE DE IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA
- IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO AMBIENTAL -

MESTRE EM PSICOLOGIA
CLÍNICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, GB, julho de 1972.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

A CRISE DE IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA

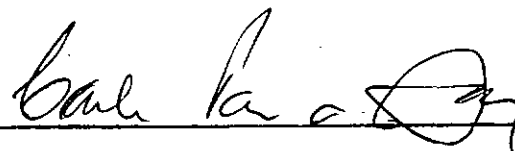
- IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO AMBIENTAL -

Por

Maria da Glória Costa Ribeiro

Tese submetida como requisito parcial para
a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA
CLÍNICA



Carlos Paes de Barros

Rio de Janeiro, GB, Julho de 1972

78065



BC JJ4477

150
R484

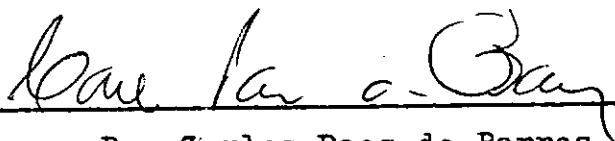
TESE UC

BT 4563-8

sc 1

rece

Tese apresentada no Departamento de Psicologia
da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes profes-
sores:



Dr. Carlos Paes de Barros



Prof. Aroldo Rodrigues, Ph.D.



Dra. Monique Augras

Agradeço,

- ao Dr. Carlos Paes de Barros, pela dedicada supervisão e orientação da tese;

- ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que me permitiu realizá-la;

- ao Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, especialmente à equipe do Serviço de Orientação e Seleção e, em particular, ao seu chefe João Telles Villas-Bôas Filho, que me incentivou e me deu a possibilidade de desenvolvê-la;

- aos meus ex-professores dos cursos de graduação e pós-graduação, que de maneira direta ou indireta contribuíram para a sua realização.

S U M Á R I O

Neste trabalho, procuramos analisar a crise de identidade característica do período da adolescência, dentro de uma perspectiva psico-social.

Definimos o termo identidade com base nas posições mais atuais a este respeito. Como na maioria dos autores, ele se apoia nas definições de Self e de Ego, fizemos uma revisão teórica destes conceitos, que implicou na conceituação dos mecanismos de projeção, introjeção, identificação projetiva e introjetiva. Estes mecanismos a parecem como os fundamentos do processo de formação do sentimento de identidade, justificando-se assim a importância de sua revisão teórica em nosso trabalho.

Localizamos a adolescência como período de desenvolvimento da personalidade com características próprias, descrevemos o processo de aquisição da identidade detendo-nos, finalmente, na crise adolescente. Esta crise foi estudada de um ponto de vista enfaticamente psico-social, considerando-se a importância do meio ambiente ou de vínculo grupal na formação da identidade nas mudanças de personalidade, como fator de influência positiva ou negativa no sentimento de individualidade, no tempo e no espaço, da pessoa humana como um todo.

Concluimos por uma posição frente à crise de identidade adolescente que enfatiza básica e fundamentalmente suas origens no contexto ambiental, no ambiente familiar, social e cultural, e, mais especificamente, no choque entre as condições estruturais de personalidade do

jovem e as exigências do meio que o cerca.

Parêce-nos que, enfocando desta maneira o problema da crise da adolescência, é possível elaborar todo um esquema educacional que se baseie em uma posição preventiva frente à questão e adequar as técnicas terapêuticas de atendimento psicológico específico desta fase à realidade mais global dos conflitos internos do adolescente. Estas técnicas relacionariam os dados bio-psíquicos com os elementos da realidade externa presentes a todo momento e atuantes de maneira decisiva na formação de sua personalidade e na aquisição do sentimento de identidade - mais maduro.

S U M M A R Y

We try throughout this paper, to analyse the identity crisis that characterizes adolescence, looking at it from a psycho-social standpoint.

When we define "identity" we are basing ourselves on the most up-to-date opinions on the subject. Since, in the majority of the authors consulted, we find the term "identity" based on the definitions of "self" and "Ego", we have made a theoretical investigation of these two concepts. This has also implied in the study of the mechanisms of "projection", "introjection" and "projective and introjective identification". These two mechanisms appear as the basis of identity feeling formation thus justifying the theoretical study and its importance in relation to our work.

In this work, adolescence is considered as a period of personality development that has its own particular characteristics: the process of acquisition of "identity" is described and the crisis itself is analysed in detail as the center point of matter. This crisis is analysed from a viewpoint that is markedly psycho-social. We have so chosen because we consider that environment and group affiliation are important factors in the formation of identity and personality changes. They may act as positive or negative factors on influence on the "individuality" feeling, in time and space, of a person considered as a whole.

Our conclusion is the following: it is our opinion that the identity crisis, typical of adolescence, has its roots, basic and fundamentally, in the environmental context, in the family, social and cultural environment. More specifically yet, we place it in the struggle between the structural conditions of the personality of the adolescent and the demands of the environment that surrounds him.

It seems to us that, looking at the crisis through this perspective, it becomes possible to elaborate a whole scheme of education based on a preventive approach of the question and also to adapt the therapeutic techniques used in the psychological counseling specific of this phase of development, to the overall reality of the adolescent's internal conflicts. These techniques would correlate the bio-psychological data to the ever-present elements of external reality which act in a decisive manner in the formation of the adolescent's personality and in the acquisition of a more mature identity felling.

Í N D I C E

Introdução

I	- Identidade - Conceito	I
II	- Revisão teórica dos conceitos de Ego e Self.	5
III	- Revisão teórica dos conceitos de Projeção , Introjeção, Identificação Projetiva e In- trojetiva	13
IV	- A adolescência como fase de desenvolvimento da personalidade - suas características par- ticulares	19
V	- O processo de formação do sentimento de Iden- tidade	31
VI	- A crise de identidade na adolescência - im- portância do meio ambiente	47
VII	- Resumo e Conclusões	78
VIII	- Bibliografia	81

Introdução -

Trabalhando há alguns anos em Orientação Vocacional, tivemos oportunidade de manter contato constante com adolescentes, pois a grande maioria dos que nos procuram se encontra nesta fase. Embora o motivo básico manifesto para que cheguem a nós esteja vinculado com a opção profissional que devem fazer ao final do curso ginásial ou secundário, observamos que a maior parte dos jovens busca, no atendimento, respostas mais amplas às questões existenciais que se colocam neste período. Ou seja, sob a capa de escolha vocacional, de um modo geral se esconde uma inquietação maior em relação aos seus valores, suas idéias, suas posições diante da vida e sua colocação no mundo. Observamos que aqueles que nos procuram, atravessando uma fase de transição caracterizada pela inconstância e insegurança, querem, mais do que escolher uma profissão, encontrar seus motivos mais reais, encontrar a si mesmos.

Sua posição em relação a eles próprios e à sociedade que os cerca é indefinida e ambivalente. As mudanças que se operam em seu organismo bio-fisiológico e em seu mundo interno se processam de maneira rápida e inesperada, ao mesmo tempo em que o meio social começa a exigir-lhes definições mais concretas, atitudes mais adultas e comportamentos mais comprometidos com um nível de maturidade mais elevado. O adolescente parece conseguir atravessar esta fase inconstante adotando condutas que vão desde o isolamento até o engajamento ideológico radical, tentando assim satisfazer sua necessidade de

encontrar-se e de afirmar-se como pessoa, na medida em que se sentem atuando no mundo interno ou externo. Estas condutas se caracterizam por posições muitas vezes extremadas de grande passividade, de agressividade exacerbada ou de extrema violência, até o ponto em que se coloca a questão mais concreta e objetiva da opção vocacional. Neste momento, parece mais fácil reconhecer a necessidade de ajuda tanto por parte dos jovens como por parte dos pais, que conseguem assim encaminhar seus filhos para um atendimento que lhes possibilite encontrar um caminho em direção a uma maior tranquilidade.

Destas observações e da leitura de trabalhos recentes com relação a psicologia do adolescente, nossa atenção se voltou para a crise existencial do jovem no mundo ocidental e mais especificamente, para sua crise de identidade.

Este trabalho representa, portanto, a tentativa de melhor compreender aqueles que buscam nossa ajuda, na medida em que se tornam mais conhecidas para nós as origens de seus conflitos internos. Esta melhor compreensão da crise em que se encontram, nos dá a possibilidade de uma atuação mais segura em relação aos seus problemas e de uma revisão das técnicas a serem utilizadas, em função de uma ajuda que esteja mais vinculada realmente com a realidade psico-social particular destes sujeitos.

I - IDENTIDADE - Conceito

O termo identidade é frequentemente confundido com os conceitos de auto-estima, auto-imagem, auto-conceito, etc., que são utilizados sobretudo no campo da Psicologia Social. Do ponto de vista clínico, psicanalítico, Erikson (1968) foi dos primeiros psicólogos a tentar uma definição do conceito de identidade.

Ele toma como ponto de partida a noção de identidade concebida (3p.170) "como uma sensação subjetiva da mesmidade e continuidade vigorizantes". Freud (7) havia utilizado somente uma vez o termo identidade, quando tentou explicar a sua relação com o judaísmo e falou em "obscuras forças emocionais que eram tanto mais poderosas quanto menos se poderia expressá-las com palavras e uma clara consciência de uma identidade interior, a privação de uma construção mental comum que proporcionava segurança". Erikson (3p.172) comenta esta colocação de Freud chegando ao que ele chama de "identidade pessoal e cultural, enraizada no destino de um povo antigo". Em seus comentários, Erikson conclui por uma identidade que expressa uma relação entre um indivíduo e seu grupo com a conotação de uma persistente "mesmidade" e um persistente compartilhar certo caráter essencial com os outros. Para ele, Freud (3p.172) "contrapõe a identidade positiva de uma intrépida liberdade de pensamento com uma forte negativa dos preconceitos que restringem aos outros quanto ao uso de seu intelecto." A identidade de uma pessoa ou de um grupo pode ser relativa e definir-se por contraste com a de outra pessoa ou grupo, e o orgulho de atingir uma identidade firme pode

significar uma emancipação interior com relação a uma identidade grupal dominante.

A identidade é considerada então como um processo enraizado no núcleo do indivíduo mas também no núcleo de sua cultura comunal, um processo que estabelece, de fato, a identidade destas duas identidades. O processo de formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas que acontecem em todos os níveis do funcionamento mental. Este processo muda e se desenvolve constantemente e é um processo de progressiva diferenciação. Torna-se mais inclusivo à medida em que o indivíduo torna-se consciente de um vínculo de outros significativos cada vez mais amplo, que se estende desde a mãe até a humanidade. A formação da identidade é um processo que começa com a assimilação mútua e bem sucedida de todas as identificações fragmentárias da infância que, por sua vez, pressupõem conter com êxito as primeiras introjeções infantis. ~~Com~~ começa no primeiro encontro ~~verdadeiro~~ da mãe com o bebê como duas pessoas que podem se tocar e reconhecer mutuamente e só terminará se desaparecer o poder de afirmação mútua de um homem. Este desenvolvimento tem sua crise normativa na adolescência; é determinado pelo que aconteceu antes e condiciona grande parte do que ocorrerá depois. Para Erikson (3) não é possível separar a crise de identidade individual e as crises contemporâneas no desenvolvimento histórico porque ambas contribuem para se definirem reciprocamente e estão relacionadas entre si.

Para ele, portanto, a formação da identidade mais madura dependê do desenvolvimento do Ego por come-

ça com a relação satisfatória com a mãe e depois com a família em sua totalidade e mais tarde ^{obtem} apoio para suas funções nos recursos da comunidade mais ampla. Seriam tarefas do Ego e seleção gradual das identificações significativas, a antecipação da identidade e a re-síntese no fim da adolescência. Erikson chama a esta parte do trabalho do Ego de "identidade do Ego" para diferenciá-la da "identidade ilusória" que não corresponde a um sentimento da realidade do ser em sua realidade social.

Esta colocação em termos de "identidade do Ego" suscitou objeções pois parece implicar que somente o Ego estaria envolvido no sentimento de identidade. Jacobson (18) propõe o termo "formação de identidade" como um desenvolvimento progressivo, sendo a base da experiência emocional da identidade a capacidade do self como uma entidade organizada e diferenciada, separada e distinta do ambiente que a rodeia, que tem continuidade e é capaz de seguir sendo ela mesma através da sucessão de mudanças. Neste caso, tratava-se então de uma "identidade do self".

Grinberg (1971) parte desta última colocação mas prefere falar de "sentimento de identidade" em lugar da expressão "identidade do self". Suas primeiras formulações referem-se a (12 p.) "um sentimento que implica a noção de um self que se apoia essencialmente na continuidade e semelhança das fantasias inconscientes referidas às sensações corporais, às ansiedades e emoções experimentadas pelo Ego, aos impulsos e afetos em relação ao mundo externo e interno, o Super-Ego, ao funciona

mento específico dos mecanismos de defesa e ao tipo particular de identificações assimiladas resultantes dos processos de introjeção e projeção". Para Grinberg, os mesmos elementos que servem para manter a semelhança do indivíduo consigo mesmo, são os que servem para manter a diferenciação de cada indivíduo em relação aos outros e lhe dão o caráter de único. O estado de coesão do self seria o resultado da interação continuada entre todos estes elementos.

Em suas últimas formulações com relação ao sentimento de identidade Grinberg o colocá como resultante de um processo de interação contínua de três vínculos de integração denominados espacial, temporal e grupal.

O primeiro compreenderia as distintas partes do self corporal, mantendo sua coesão e permitindo a comparação e o contraste com os objetos; tenderia à diferenciação do self-não self individuação.

2) O segundo refere-se as diferentes representações do self no tempo, estabelecendo uma continuidade entre elas e outorgando a base ao sentimento de "mesmidade".

3) O terceiro refere-se a conotação social da identidade e é dado pela relação entre aspectos do self e aspectos dos objetos mediante os mecanismos de identificação projetiva e introjetiva.

Estes vínculos funcionam simultaneamente e inter-atuando entre si e o sentimento de identidade resultante do processo de sua interação ~~por~~ por diferentes crises através de sua evolução.

Em nosso trabalho nos ocuparemos especificamente do terceiro vínculo (grupal) e de suas implicações nas perturbações dentro do processo de formação de identidade na fase adolescente. Antes porém de entrarmos na análise deste processo e destas perturbações, procuramos fazer uma revisão teórica dos conceitos de self, projeção, introjeção e identificação projetiva e introjetiva, uma vez que constituem termos bastante utilizados por aqueles que estudam o problema de identidade e representam ~~con~~ceitos básicos em suas teorias.

II - Revisão teórica dos conceitos de Ego e Self

Muitos foram os autores que se preocuparam em tentar uma conceituação mais precisa dos termos Ego e Self. Em nosso trabalho procuramos analisar mais detidamente algumas posições teóricas a este respeito, mais ligadas a um ponto de vista psicanalítico, que nos parecem mais coerentes com o tipo de enfoque que procuramos dar mais adiante ao problema de identidade.

Segundo Symonds (1951), Ego seria definido como um grupo de processos tais como percepção, pensamento, lembrança, que são responsáveis pelo "desenvolvimento e execução de um plano de ação para satisfazer os impulsos inatos", e o self, como a maneira pela qual o indivíduo reage a si mesmo. O self consiste de 4 aspectos:

- 1 - como a pessoa percebe a si mesma;
- 2 - o que ela pensa de si mesma;
- 3 - como se avalia;
- 4 - como, através de várias ações, ela tenta

se realçar ou se defender.

Para Symonds, nem sempre a pessoa pode estar consciente dessas percepções, concepções, avaliações e reações defensivas. Ele acredita que haja uma interação considerável entre o self e o ego.

Rogers (1951) propõe sua teoria sobre a personalidade, baseada em 19 proposições cujos principais componentes são:

1. O organismo - que é o indivíduo total que reage ao campo fenomenológico como um todo organizado a fim de satisfazer suas necessidades, possui como motivo básico realizar-se, manter-se e melhorar e pode simbolizar suas experiências, a fim de que se tornem conscientes, ou pode negar-lhes a simbolização, para que permaneçam inconscientes, ou, ainda, pode ignorá-las.

2. O campo fenomenológico - que é a totalidade da experiência e que pode ser consciente ou inconsciente.

3. O self - que é uma parte diferenciada do campo fenomenológico e consiste de um conjunto de percepções conscientes e de valores do "eu".

Na teoria de Rogers o self é um conceito nuclear da personalidade, que possui as propriedades de estabelecer interação do organismo com o meio, introjetar valores dos outros e percebê-los de forma distorcida, procurando atingir uma maior consistência. O organismo reage de maneira condizente com o self e as experiências não condizentes com a estrutura do self são percebidas como ameaçadoras. O self pode ainda mudar, como resultado da maturidade e aprendizagem.

Para Rogers, portanto, a percepção se faz de maneira seletiva e o critério básico de seleção é ver se a experiência é coerente com a auto-imagem que a pessoa tem no momento. O comportamento é regulado por 2 sistemas básicos: o self e o organismo. Estes dois sistemas podem estar em harmonia e conseqüentemente levando ao ajustamento. Caso contrário, caso se oponham um ao outro, conduzem ao desajustamento. O desajustamento é gerado pela dicotomia entre organismo e self e sua oposição. O self constrói defesas contra as experiências ameaçadoras, por meio da negação delas ao consciente. À medida que procede desta forma, a auto-imagem se torna menos congruente com a realidade orgânica, levando assim à criação de mais defesas para manter a imagem falsa que o self sustenta. Aos poucos o self perde contato com as experiências verdadeiras do organismo e a oposição crescente entre realidade e self cria a tensão.

Rogers (26) engloba suas posições teóricas elaboradas a partir de sua experiência terapêutica, sob o nome de Teoria do Self. Embora tenha procurado definir o self e tornar claras suas propriedades, características e funções, a grande crítica que se faz à sua teoria é o fato de basear-se num tipo muito simples de fenomenologia e não levar em conta o conceito de motivação inconsciente que não desempenha praticamente nenhum papel em suas posições teóricas. Embora a teoria Rogeriana não satisfaça a necessidade de clarificação do conceito de self em nosso trabalho, achamos importante expô-la pois se trata de um trabalho bastante significativo na tenta-

tiva de sistematizar os conhecimentos sobre o self.

A discussão sobre o conceito psicanalítico de self começa de maneira mais explícita com Hartmann(1933). Ele toma basicamente, como ponto de partida, as formulações de Freud com relação ao conceito de Ego, mencionando entretanto que o próprio Freud reformulou suas posições iniciais em seus últimos trabalhos. Para Hartmann - (16p. 113) é preciso não confundir "Ego" com "personalidade" ou "indivíduo"; Ego não é a mesma coisa que sujeito em oposição ao objeto de experiência: "é uma subestrutura da personalidade que se define por suas funções. Seria entretanto muito difícil mencionar todas as funções do Ego". Hartmann refere-se somente àquelas que julga serem as mais importantes. De acordo com Freud, uma das principais funções seria acêrca da relação com a realidade: "a relação com o mundo externo é decisiva para o Ego" (7). O Ego organiza e controla a percepção do mundo externo e interno e serve como barreira protetora contra os estímulos externos excessivos e, em outro sentido internos. O Ego testa a realidade.

O Ego tende a se opor aos impulsos, mas uma de suas funções principais é também ajudá-los em direção à gratificação e promover um conhecimento objetivo da realidade. Por identificação e ajustamento social, toma no seu desenvolvimento os prejuízos convencionais do meio, possui objetivos independentes, mas também considera as demandas de outras sub-estruturas da personalidade.

Freud (1923) insistiu repetidamente na importância do Ego corporal no desenvolvimento do Ego. Isto se

refere, por um lado, à influência da imagem corporal, particularmente na diferenciação do self do mundo dos objetos, mas também ao fato de que as funções destes órgãos que estabelecem contato com o mundo exterior, caem gradualmente sob o controle do Ego. Esta formulação levou Hartmann à necessidade de diferenciar entre Self, como si-mesmo e Ego, como sistema psíquico.

A palavra Ego seria empregada para denotar "um conjunto de processos psicológicos tais como pensar, perceber, recordar, sentir, que têm uma função organizadora e reguladora em relação ao self e que são responsáveis pelo desenvolvimento e execução de um plano de ação para atingir a satisfação dos impulsos internos por um lado e por outro das exigências ambientais". O desenvolvimento do Ego - órgão específico de adaptação implica em adquirir meios de satisfação e controle dos impulsos instintivos. Por outro lado, a adaptação humana é garantida por um equipamento primário e maturação de seus sistemas bem como por ações reguladas pelo Ego, que usando este equipamento, neutraliza as perturbações do meio e a perfeição ativamente as relações entre a pessoa e o meio.

A palavra self indica (16) "as formas como o indivíduo reage a si mesmo, como se percebe, pensa e valoriza a si mesmo e como trata de estimular-se e defender-se". O self seria um conceito intermediário entre os relacionados com os fenômenos intrapsíquicos e os concernentes à experiência interpessoal.

Jacobson (18) utilizando as idéias básicas de Hartmann, chega a formular seu conceito de Self que engloba a pessoa total do indivíduo, incluindo o corpo e suas

partes e a organização psíquica e suas partes. Para ela, em uma etapa primitiva de diferenciação existe o "Self psicofisiológico primário". À medida em que o Ego se desenvolve, vai incorporando em seu acêrvo mnêmico representações dos objetos, e, à medida em que o indivíduo cresce, vai diferenciando o interno do externo e, assim, o self dos objetos. Assim se diferenciam também "as representações no Ego" que aos poucos se separam em "representações de objetos" e "representações do self". A representação do self no Ego se origina de duas fontes: por incorporação direta das sensações que emanam da atividade funcional do organismo (psíquico e físico) e por percepção indireta do self tomado como objeto do Ego. Esta representação do Self no Ego contém as características, as potencialidades, suas funções do corpo, a aparência corporal, sua anatomia e fisiologia; a imagem do Ego, dos sentimentos, pensamentos, desejos, impulsos e atitudes (conscientes e pré-conscientes) e a idéia da própria conduta física e mental, o Ideal do Ego e o Super-Ego - ideais e escalas de valores conscientes e pré-conscientes - uma estimativa do grau de afetividade e autocrítica, a parte do Id que se comunica com o Ego, um conceito da soma total dos aspectos parciais mencionados acima, que integra o self numa entidade organizada e diferenciada de seu ambiente.

Erikson (3p.178) analisando as formulações de Hartmann, considera que, "se o Ego é entendido como uma mediação organizadora e parcialmente inconsciente, é necessário frisar que em qualquer estágio determinado da

deve-se entendê-la com um si mesmo mutante que exige ser sintetizado com os si-mesmos abandonados e antecipados". O si-mesmo seria então tomado como o representante das idéias, imagens e configurações que estão a serviço da comparação com um si mesmo ideal. O que o Ego reflete quando vê ou contempla o corpo, a personalidade e os papéis aos quais está vinculado para toda vida, sem saber onde estava antes e onde estará depois, são os diversos si-mesmos que integram nosso si-mesmo composto. Existem transições constantes, às vezes semelhantes a choques, entre estes si-mesmo.

Erikson (3p.178) conclui então que "o "eu" é plenamente consciente e que somos verdadeiramente conscientes até onde podemos dizer "eu" com absoluta certeza... os "si-mesmos" são quase totalmente pre-conscientes, o que quer dizer que podem tornar-se conscientes por obra do "eu" e até onde o "eu" esteja de acôrdo. O Ego é inconsciente percebemos sua ação mas nunca o Ego mesmo". Para ele, os ideais do Ego representam um "conjunto de metas ideais do si-mesmo pelas quais se deve lutar mas que nunca se podem alcançar completamente, ainda que se possa caracterizar a identidade do Ego pelo sentimento de realidade do si-mesmo dentro da realidade social".

Grinberg (11) utilizando as formulações teóricas de Hartmann, Jacobson e Wisdom sobre os conceitos de Ego e Self, postula as seguintes definições-

1. Ego - Seria a estrutura descrita por Freud (5), ou seja, a organização coerente dos processos psíquicos de uma pessoa, que integra a consciência, mas que também possui algo de inconsciente. Do Ego partem as des

cargas das excitações no mundo exterior e ele é a instância psíquica que fiscaliza todos os seus processos parciais. É também do Ego que partem as repressões por meio das quais determinadas tendências anímicas vão ser excluídas não só da consciência mas também das demais formas de eficiência e atividade. No Ego existe algo inconsciente, algo que se conduz ao reprimido, exteriorizando intensos efeitos sem tornar-se consciente por si mesmo. O Ego estaria numa relação de dependência quanto às reivindicações do Id, quanto aos imperativos do Super-Ego e às exigências da realidade. Sua autonomia é apenas inteiramente relativa.

2. Self - Seria a totalidade da própria pessoa. Inclue o corpo com todas as suas partes, a estrutura psíquica com todas as suas partes, o vínculo com os objetos internos e externos e o sujeito como oposto ao mundo dos objetos.

O Self, para Grinberg, inclui o Ego e o que ele chama de "Não-Ego". Este último está dentro do Self e quando se estende além dele se transforma no "não-Self" (objetos externos e mundo externo). O "Não-Self" serve - como espaço-tempo e o "Não-Ego" serve ao Ego na medida em que é aí que o Ego faz suas projeções intrapsíquicas.

Grinberg refere-se ainda à fantasia inconsciente do Self no Ego definida como sendo o conjunto de fantasias inconscientes, vinculadas com os elementos representações do Self no Ego.

O sentimento de identidade seria então experimentado pelo indivíduo como "resultado do processo de individualização - diferenciação, base do sentimento da unici-

dade (ser uno e único) e do sentir-se ele mesmo através do tempo, base do sentimento de "mesmidade", com seu rolário de integração social" (11p.52).

III - Revisão Teórica dos Conceitos de Projeção, Introjeção, Identificação Projetiva e Introjetiva

Grinberg (11), ao estudar o vínculo de integração social que atua no processo de aquisição de identidade refere-se à conotação social da identidade, que se dá através da relação entre aspectos do self e aspectos dos objetos mediante os mecanismos de identificação projetiva e introjetiva.

Estes dois mecanismos - projeção e introjeção dão origem a dois mundos psicológicos, o externo e interno, povoados de objetos, externos e internos também, e podem ser considerados como as bases que reforçarão o primeiro estágio rudimentar da identidade determinada pelo nascimento.

Freud (23) atribuiu um papel essencial à projeção emparelhada com a introjeção na gênese da oposição sujeito (Ego) - objeto (mundo exterior). O indivíduo assume no seu Ego os objetos que lhe aparecem como fontes de prazer introjetando-os. Por outro lado, expulsa de si o que no seu próprio íntimo é ocasião de desprazer projetando. Do ponto de vista freudiano, o termo projeção é utilizado sempre no sentido de rejeitar para fora o que se recusa reconhecer em si ou o que se recusa ser e o termo introjeção é usado em relação ao que é assumido pelo Ego como fonte de prazer.

Ao nascer, a criança não tem noção da diferenciação entre sua pessoa e o mundo que a cerca. A primeira separação será condicionada pelas experiências por um lado de prazer e por outro, penosas. A tendência da criança é recusar tudo o que sente como desagradável. Trata-se de dois movimentos agregados: recusar o que causa desprazer e incorporar o que é agradável. É desta maneira que os mecanismos de projeção e introjeção vão dando origem a dois mundos psicológicos: o externo e interno.

Na primeira infância, segundo M. Klein (19) a criança vive em um estado de não-integração no qual a percepção é incompleta e dos estímulos internos e externos, os objetos externos e internos ~~das~~ partes do corpo frequentemente podem não ser diferenciadas. A análise das primeiras relações objetivas e introjetivas revelou fantasias de objetos introjetados no Ego desde a primeira infância, começando pelos seios ideal e persecutório, segundo Hanna Segal (27). A primeira introjeção é feita em termos de objetos parciais: o seio e depois o pênis. Depois são introjetados os objetos totais (a mãe, o pai, as figuras parentais). Quanto mais cedo se dá a introjeção, mais fantásticos são os objetos introjetados e mais distorcidos estão pelo que se projetou neles. À medida em que prossegue o desenvolvimento e se acrescenta o sentido de realidade, os objetos internos se aproximam mais das pessoas reais do mundo exterior.

O Ego se identifica então com alguns destes objetos e, segundo M. Klein, dá-se então a identificação introjetiva. Estes objetos são assimilados pelo Ego e contribuem para seu desenvolvimento e características.

Outros permanecem como objetos internos separados e o Ego mantém relação com eles. Ao mesmo tempo, os objetos vai se construindo um mundo interno muito complexo. Para M. Klein, a estrutura da personalidade é determinada em grande parte pelas fantasias mais permanentes do Ego sobre si mesmo e os objetos que contém.

M. Klein (20) acredita que ao nascer, a criança possua suficiente Ego para sentir ansiedade, utilizar mecanismos de defesa e estabelecer relações objetivas primitivas na fantasia e na realidade. No início o Ego estaria muito desorganizado, mas de acordo com o crescimento fisiológico e psicológico tende desde o início a integrar-se.

Este Ego imaturo está exposto desde o nascimento à ansiedade provocada pela polaridade inata dos instintos de vida e morte. Ao mesmo tempo, está exposto ao impacto da realidade externa que lhe produz situações de ansiedade e que lhe dá vida.

Sentindo-se ameaçado o Ego se divide e projeta fora sua parte que contém o instinto de morte, colocando-se no objeto externo original (o seio). Sendo sentido desta maneira o seio é experimentado como ameaçador para o Ego, dando origem a um sentimento de perseguição e assim o medo original ao instinto de morte se transforma no medo a um perseguidor.

Desta projeção original do Instinto de morte surge um mecanismo de defesa muito importante nesta fase do desenvolvimento que M. Klein chama de identificação projetiva. Na identificação projetiva se dividem e

se separam partes do Ego e objetos internos que são projetados no objeto externo que se torna então possuído e controlado pelas partes projetadas e identificado com elas.

Entre as funções da identificação projetiva, M. Klein (19) coloca a sua posição em direção ao objeto ideal para evitar a separação ou em direção ao objeto mau para obter o controle da fonte de perigo. A projeção de partes do Ego pode se fazer tanto no sentido de livrar-se delas como no de atacar e destruir o objeto.

A identificação projetiva possui aspectos valiosos pois é a forma mais primitiva de empatia e é nela que se baseia também a primeira classe de formação de símbolos. Projetando partes de si no objeto e identificando partes do objeto com partes do Ego, a criança forma seus primeiros e mais primitivos símbolos.

O manejo bem sucedido das ansiedades nos primeiros meses do desenvolvimento leva o bebê a organizar gradualmente seu universo. À medida em que os processos de divisão, projeção e introjeção lhe ajudam a ordenar suas percepções e emoções e a separar o bom do mau, o bebê se encontra diante dos objetos ideal e mau. Ama o primeiro e projeta no segundo seus impulsos agressivos, sentindo-o como uma ameaça para si mesmo e para seu objeto ideal.

Se o desenvolvimento se realiza em condições favoráveis, o bebê sente cada vez mais que seu objeto ideal e seus próprios impulsos libidinais são mais fortes que o objeto mau e seus próprios impulsos maus; identifica-se cada vez mais com seu objeto ideal e graças

a esta identificação e também ao crescimento e desenvolvimento fisiológico de seu Ego, sente que vai se fortificando para defender-se e defender seu objeto ideal. Sentindo que seu Ego é forte, seus próprios impulsos maus o assustam menos e ele sente menos necessidade de projetá-los fora. Diminuindo a projeção dos impulsos maus, diminua também o poder atribuído ao objeto mau, enquanto o Ego se fortifica, pois a projeção o empobrece menos. O bebê passa então a tolerar melhor o instinto de morte dentro de si mesmo decrescendo assim seus temores para-nóides. Diminua a divisão e a projeção e gradualmente pode dominar o impulso no sentido da integração do Ego e do objeto.

Com estas formulações, Melanie Klein (27) apresenta o que seria o desenvolvimento normal desde o nascimento, enfatizando os mecanismos de identificação através dos quais se estabelecem fundamentalmente as relações de objeto.

Segundo Freud (5) a identificação seria a primeira manifestação de uma relação afetiva com outra pessoa. Desde o início é ambivalente, considerando-se - como um primeiro desejo, o de incorporar o ser o objeto e, em um segundo passado, o de ter objeto. Segundo ele, é um fato observável na infância, a substituição do objeto abandonado ou perdido, pela identificação com ele, pela introjeção deste objeto no Ego.

Grinberg (11) adota as formulações de Freud e M. Klein quanto aos mecanismos de projeção, introjeção e identificação projetiva e introjetiva e conclui por dois tipos básicos de identificação, considerando que é mais

fácil diferenciar entre Ego e objetos do que entre Self e objetos. Para ele, então, haveria uma forma primitiva de identificação na qual a fantasia inconsciente do self e as fantasias de objetos não estão ainda diferenciadas ou que, por um processo de regressão voltaram a unir-se depois que a diferenciação já havia ocorrido. A identificação é massiva e total e o objeto todo se encontra dentro da representação do self e vice-versa. O segundo tipo é o que Grinberg chama de identificação madura, na qual já existe uma diferenciação clara entre as representações do self e as representações do objeto, além de um grau de maturidade conveniente do Ego. A identificação neste caso já é seletiva, toma aspectos do objeto que são incorporados de forma estável na representação do self no Ego, procurando enriquecê-lo com uma nova habilidade ou qualidade. O que predominaria no primeiro tipo seria uma simbiose total, ao passo que no segundo já se trata de uma verdadeira relação de objeto. - Haveria uma equivalência entre o que Grinberg chama de identificação primitiva e madura e o que M. Klein denomina identificação projetiva e introjetiva respectivamente.

IV - A adolescência como fase de desenvolvimento da personalidade - suas características particulares

A maioria dos pesquisadores em psicologia nos primórdios desta ciência, procurou estudar mais especificamente o homem adulto, ou seja, procurava pesquisar o período da idade evolutiva (que corresponde mais ou

menos aos vinte primeiros anos de vida) para encontrar a explicação daquilo que se encontrava no adulto e não levantava o problema específico da função da idade evolutiva. Somente nos últimos decênios o estudo da infância e adolescência forneceu um material bastante farto para um conhecimento que nos conduziria à explicação do significado desta fase. O primeiro campo de interesse da psicologia dirigiu-se para as neuroses, depois para as psicoses, mais tarde para as crianças, depois para os velhos e somente nas últimas décadas é que o problema da adolescência adquiriu cada vez mais um lugar definido na observação e investigação dos psicólogos e psiquiatras. Hoje, acredita-se que um conhecimento maior da atividade psíquica em cada uma das fases não tem somente interesse enquanto nos permite explicar a preparação gradual da vida do homem adulto, mas também em si mesma, enquanto cada fase se apresenta com suas características próprias.

Até alguns anos atrás, colocava-se o que se convencionou chamar de "idade evolutiva" no período compreendido entre o nascimento e os vinte anos. Neste período, a adolescência era colocada geralmente na fase situada entre os treze ou quatorze anos até os vinte. Esta seria, por exemplo, a opinião de Gemelli (9).

Atualmente, entretanto, a tendência maior é considerar que ela se estende um pouco além dos vinte anos, havendo, autores que colocam o seu término por volta dos vinte e quatro ou vinte e cinco anos. Esta é o caso de Arminda Aberastury (1) segundo a qual, nas meninas a adolescência iria dos doze anos aos 21 e nos meninos -

dos quatorze aos vinte e cinco anos, em termos gerais.

Sendo considerada como uma fase dentro do processo evolutivo da personalidade, a adolescência é enfocada como um período de crise em função de suas características particulares. Considera-se que o ser humano, na evolução normal, atravessa uma série de crises (") - que vão sedimentando a elaboração da fase anterior e preparando a entrada na fase seguinte. A característica básica destas crises é a angústia frente às mudanças que a saída de uma fase e a entrada em outra implica. Esta angústia, segundo Grinberg (11), estaria diretamente relacionada com a perda ou aniquilamento da identidade. Basicamente, são consideradas como crises evolutivas as seguintes fases da vida: o desmame, a situação edípica, a adolescência, a idade média da vida e a velhice, nas quais se agregam as crises vitais particulares, determinadas em cada indivíduo pelas vicissitudes de sua história, que é única e pessoal.

Assim, a adolescência é colocada por todos os autores que se ocupam deste problema como um período crítico no desenvolvimento, como uma fase que merece atenção e cuidados específicos. Erikson (3) fala de uma "crise normativa" no desenvolvimento individual; Knobel (21)

(") Entendemos "crise" aqui no sentido que Erikson dá ao termo: "algo que designa um momento crucial, um ponto crítico necessário no qual o desenvolvimento deve tomar uma ou outra direção, estimulando recursos de crescimento, recuperação e diferenciação posterior". (3.p.14).

fala de uma "crise de ambiguidade"; Lea Paz (24) fala de uma "crise de desimbiotização"; Edgardo Rolla (25) refere-se a uma "crise de desidealização" e Grinberg (11) - faz referências a "crises confusionais".

O aspecto crítico do período da adolescência estaria ligado ao fato de que a relativa estabilidade alcançada durante os anos de latência e mantida a custo da repressão das fantasias sexuais, dos fortes mecanismos obsessivos e das fortes dissociações, entra em crise - quando irrompe a puberdade com o reaparecimento da mas-turbação e a ruptura da dissociação diferenciadora obses-siva, rígida e exagerada da latência, que permitia saber o que era bom e mau, feminino e masculino, etc. Quando - se inicia a adolescência, estabelece-se a confusão e co-meçam novas e variadas dissociações como defesa.

Entre os autores que mais têm se preocupado - com o problema da adolescência nos últimos anos situa-se Arminda Aberastury que define esta fase como (9p.16) "um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções no meio famili-ar e social" . Para ela, neste momento se daria a entrada no mundo dos adultos, ao qual o adolescente deseja e teme ao mesmo - tempo. Paralelamente, ele sente a perda definitiva de - sua condição de criança e as mudanças psicológicas corre-latas das transformações corporais o levam a uma nova re-lação com os pais e com o mundo. Neste momento, impõe-se ao adolescente a elaboração de três perdas fundamentais: a perda de seu corpo infantil, da identidade infantil e da relação com os pais de infância. Em relação ao seu corpo, ele terá que aceitar e elaborar uma dupla per-

da: a de seu corpo infantil, do momento em que as características sexuais secundárias evidenciam seu novo status e a aparição da menstruação na menina e do semem no rapaz que testemunham uma definição sexual e um papel - que terá que ser assumido não somente na união com seu - par mas também na procriação.

Os caracteres sexuais primários e secundários aparecem nos meninos e meninas em idades diferentes, sendo que nas meninas este aparecimento é mais precoce. Nelas, o desenvolvimento dos seios é um dos primeiros indícios do começo da maturação sexual, seguido do pêlo pubiano, da menstruação e finalmente do pêlo axilar. Nos meninos, a primeira característica sexual secundária é o pêlo pubiano, do momento em que começa a aumentar o tamanho dos órgãos genitais. Segue-se então o aparecimento do pelo axilar e, finalmente, o facial.

Outra alteração que se observa nos meninos - mas não nas meninas é a mudança da voz. Para A. Aberastury (2p.19) "a voz estridente e asexuadas, quase feminina, cuja modulação o menino não pode controlar, indica um incremento das tendências femininas, que aparecem como defesa diante da perda da bissexualidade, antes de definição madura". Segundo ela, isto explicaria porque as mudanças de voz se produzem junto com as transformações do corpo e não no início da puberdade.

Observa-se que, entre a fase final da primeira infância e o início da adolescência, encontra-se um período que se caracteriza por um aumento das tendências homossexuais e que consistiria uma fase de transição, onde a atividade sexual se manteria através da masturbação

e dos jogos homo e heterossexuais entre os meninos. Desta maneira, é necessário destacar o papel importante que a masturbação desempenha para o estabelecimento da primazia genital na adolescência, no sentido de que ajuda o a dolescente a aceitar o seu sexo e a lutar contra a tendência a consumir o incesto. Por outro lado, tem grande importância também na estruturação do esquema corporal - do momento em que ele se utiliza da manipulação de seus órgãos genitais para incluí-los no esquema de seu corpo. Servindo ao adolescente como prova do funcionamento geni tal e como reconhecimento do instrumento que lhe dará condições de enfrentar-se com a relação genital, ajudaria o Ego a reorganizar-se em tórno da supremacia genital.

O corpo exerce papel tão importante na fase a dolescente que se pode dizer que é somente quando ele se torna capaz de aceitar simultaneamente seus aspectos de criança e adulto que pode aceitar as transformações de seu corpo e assumir sua nova identidade. Arminda Aberastury (2p.26) afirma que "o grau de normalidade de um a dolescente se pode detectar através de sua atitude frente ao corpo". Esta normalidade estaria ligada a todo um processo de desenvolvimento, levando à conclusão de que uma má elaboração edípica se reedita na puberdade sendo ~~o~~ corpo maduro e as sensações deste corpo vividas como estranhas e ~~perigosas~~.

Em termos de dinâmica interna, o que parece ca racterizar a adolescência é um sentimento básico de flutuação entre a infância e a fase adulta, a vontade ao mesmo tempo de querer ser adulto e de não querer cres-

cer nunca.

Neste momento, dá-se o que Lea Paz (24) chama de "crise de desimbiotização" que consistiria na "elaboração do vínculo de dependência simbiótica, a remoção de suas relações objetais. Os processos de desprendimento e diferenciação desorganizam e desestruturam a precária identidade conseguida até este momento.

Por outro lado, E. Rolla (25) destaca o que seria a "crise de desidealização" na adolescência, como uma crise vital que se caracteriza "por um desenvolvimento particular do nível de integração ideativa e um evidente déficit no nível afetivo.

Em todos estes aspectos, os pais exercem um papel fundamental. Quanto ao sentimento de flutuação - entre infância e fase adulta do adolescente, a posição dos pais constitui um processo conflitivo do momento em que se vem diante das progressões e regressões necessárias à adolescência. Tanto eles como a sociedade sentem dificuldade em lidar com o adolescente e o que geralmente acontece é que suas atitudes frente a ele também - oscilam entre uma excessiva liberdade ou uma repressão violenta, condicionando por parte do filho um comportamento que também oscila entre fóbico e contra fóbico diante do espaço e da exploração do mundo. Estes comportamentos vão desde fugas ou fantasias de fugas até o isolamento aparente do mundo exterior e a inércia total.

Quanto à "crise de desimbiotização", Lea Paz considera que as alternativas do vínculo simbiótico dependem tanto do adolescente com suas transformações vitais, corporais e psicológicas quanto dos pais, modifica

dos pela nova situação e sentindo a necessidade interna de estruturar suas relações de objeto em outro nível. De um modo geral, a posição dos pais se coloca em termos de projeção, contenção e limitação, que, segundo Melanie - Klein (22) pode levar a perturbações graves quanto ao bloqueio da adolescência, através do prolongamento do período de latência.

Quanto à "crise de desidealização", E. Rolla (25) frisa que os adultos se empenham para que o adolescente aprenda a ser adulto e não podem tolerar que ele aprenda a ser adolescente. Isto leva a que o adolescente introjete a urgência de chegar a ser adulto, embora não se encontre ainda em nível afetivo bastante maduro - para isso. Ele possui um melhor nível ideativo no sentido de que recebeu alguma instrução e alguma prática unilateral e comandada, e por isso se espera que possa assumir-se como adulto.

Podemos ver, assim, que as condições familiares e culturais podem favorecer, demorar ou precipitar o desenvolvimento, mas não devem impedir que o adolescente elabore por si mesmo as perdas que sente em relação ao seu passado. Esta elaboração será dificultada na medida em que for mais difícil para os pais a adaptação às oscilações do adolescente em função de sua flutuação entre dependência e independência.

O crescimento e as transformações corporais do adolescente, levam-no a uma mudança de papel diante do mundo exterior e o mundo externo exige isso se ele não o assume. Esta exigência é vivida como uma invasão

à sua própria personalidade: sente-se exigido como se fosse adulto. Sua posição em relação a esta entrada no mundo adulto é ambivalente e ele, queira ou não, se vê obrigado a entrar neste mundo. Primeiro entra através de seu crescimento e das transformações de seu corpo e só muito mais tarde é que vai se dar a entrada de suas capacidades e afetos. Como se sente invadido, sua reação é buscar refúgio em mundo interno numa tentativa de sentir-se seguro em função do mundo que já conhece, de seu passado. Oscila entre o impulso para o desconhecido e o temor a este desconhecido.

Na entrada no mundo social adulto, o adolescente se vê obrigado a questionar-se sobre os valores éticos, intelectuais e afetivos, vigentes e isto virá implicar no nascimento de seus próprios ideais e na aquisição da capacidade de luta para conseguí-los. Passa por um período de ambivalência, de desconfiança, de sentimentos de rejeição e de não ser compreendido. É ainda o mesmo processo de luta entre sua necessidade de independência e sua ~~algia~~ ou necessidade de dependência. Ele assume então uma atitude crítica frente ao mundo externo e aos adultos em geral. Por um lado, não quer ser como determinados adultos aos quais reprova violentamente, por outro, escolhe um ideal.

O que acontece de um modo geral é que o adolescente provoca uma verdadeira revolução no meio familiar e social, criando-se um conflito de gerações que nem sempre é bem resolvido. Do ponto de vista dos pais, é difícil também a elaboração da perda do corpo, da iden

tidade e da dependência infantil de seu filho e eles se mostram ambivalentes e resistentes para aceitar este processo de crescimento.

Por outro lado, a posição da sociedade também é de um modo geral difícil, incompreensiva e hostil em relação ao processo de crescimento e à vontade de atuar sobre o mundo que sente o adolescente. Na verdade, as transformações que ele pretende realizar no mundo externo estão diretamente ligadas às suas mudanças internas e servem de defesa contra as transformações incontroláveis que sente acontecerem dentro d'ele e no seu corpo.

A crise do adolescente se originaria na sua necessidade de um sistema de idéias próprio de um programa ao qual possa agarrar-se ou de algo onde possa descarregar sua ansiedade. Sua reação então é tentar solucioná-las através do refúgio na fantasia, da fuga do mundo externo refugiando-se em seu próprio mundo interno, condicionando sentimentos de onipotência narcisista e sensações de que pode prescindir do mundo externo.

Aquêles que se ocupam especificamente do problema da adolescência em Psicologia parecem coincidir em suas opiniões em um ponto fundamental: além de ser a adolescência um fenômeno psicobiológico, é preciso que se considere com bastante importância o elemento socio-cultural, como fator que exerce uma influência específica - neste período. Segundo Knobler (22p.39) "o problema da adolescência deve ser tomado como um processo universal de mudança, de desprendimento, mas que se tingirá com conotações externas peculiares de cada cultura que o fa

vorecerão ou dificultarão, segundo as circunstâncias". - Isto quer dizer que além de suas conotações particulares que podem variar de indivíduo para indivíduo, a adolescência recebe toda uma carga de influências do meio cultural, social e histórico onde se manifesta.

Definindo a adolescência (22.39) "como uma etapa da vida durante a qual o indivíduo busca estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações objetivas - parentais internalizadas e verificando a realidade que o meio social lhe oferece, mediante o uso dos elementos biofísicos em desenvolvimento à sua disposição e que por sua vez tendem à estabilidade da personalidade num plano genital, o que só é possível se se elaborar a perda da identidade infantil, "Knobel prefere considerar a adolescência não somente como uma etapa estabilizada, mas, além disso, como um processo, desenvolvimento, cuja patologia deve admitir-se a compreender-se. Ele chega a falar numa " patologia normal " do adolescente, no sentido de que este esterioriza seus conflitos de acordo com sua estrutura e suas experiências.- Em função disso, atravessa períodos de desequilíbrio e instabilidade extremas que levam Knobel a referir-se a uma " normal anormalidade " da adolescência, sem com isso pretender enquadrar o adolescente num quadro nosológico específico.

As modificações biológicas e o crescimento do corpo, incontrolláveis, são vividos como um fenômeno psicológico e psicotizante, no corpo. A ruptura dos padrões

existentes até este momento geram o que Knobel (21) chama de " crises de ambiguidade ", no momento em que coexistam simultânea ou alternadamente as partes psicótica e não psicótica (que se conserva e aumenta progressivamente na maioria dos casos).

Em função disto, a noção temporal também vai passar por uma série de transformações no adolescente, - adquirindo a ~~dimensão~~ dimensão temporal, pouco a pouco, características especiais. É na dimensão temporal que ~~se~~ expressa claramente a ambiguidade do adolescente.

Esta ambiguidade se encontra relacionada com o aparecimento da parte psicótica da personalidade. A vivência da passagem do tempo desperta culpa persecutória e pode mobilizar comportamentos psicóticos. Aceitando a perda da infância, o adolescente tem que aceitar a morte de uma parte do Ego e seus objetos para poder colocá-los no passado. Este passado pode ameaçar o indivíduo e como defesa, o adolescente especializa o tempo a fim de manejá-lo, vivendo a sua relação com ele como com um objeto. Negando a passagem do tempo, conserva-se a criança dentro do adolescente. Na verdade, a percepção e discriminação do temporal, é uma das tarefas mais importantes da adolescência e está relacionada à elaboração das perdas correspondentes a esta idade.

Observa-se na adolescência, o aparecimento de aspectos confusionais, especificamente relacionados com a temporalidade, as fantasias de eternidade, de imedia -

tismo, de falta de tempo e de medo da morte. Na medida em que o adolescente é capaz de reconhecer o seu passado e de formular projetos coerentes em relação ao futuro tendo condições de realizar, esperar e elaborar no presente, considera-se que ele já está conseguindo superar grande parte de sua problemática.

Knobel faz uma síntese do que considera serem as características da adolescência que descrevem a "sintomatologia" da síndrome que ele chama de "normalidade - anormal" do adolescente. Achamos importante reproduzir - esta síntese na íntegra, pois ela nos dá uma visão bastante clara dos caracteres específicos desta fase do desenvolvimento.

Características da adolescência: (22p.44)

1. Busca de si mesmo e da sua identidade;
2. Tendência grupal;
3. Necessidade de intelectualizar e fantasiar;
4. Crises religiosas que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso;
5. Deslocamento temporal, onde o pensamento adquire as características do pensamento primário;
6. Evolução sexual manifesta que vai desde o auto-erotismo até a heterossexualidade adulta;
7. Atitude reivindicatória com tendências sociais ou - asociais de diferente intensidade;
8. Contradições sucessivas em todas as manifestações - da conduta, dominada pela ação que constitui a for-

ma de expressão conceitual mais típica deste período de vida;

9. Uma separação progressiva dos pais e
10. Constantes flutuações do humor e dos estado de ânimo".

A posição do adolescente poderia ser considerada , enfim, como uma necessidade de adquirir direitos e liberdade parecidos com os dos adultos sem que isto implique na perda de sua condição de jovens.

V - O processo de formação do sentimento de identidade

Entre os principais autores que procuram estudar e explicar o problema da identificação situa-se Erikson, - que parte do princípio de que se trata de um processo dinâmico onde é indispensável considerar-se uma relatividade de psicossocial.

Para ele, o ciclo vital seria uma das coordenações indispensáveis da identidade, considerando que somente na adolescência haveria a maturação mental, o crescimento fisiológico e a responsabilidade social que permitem ao indivíduo experimentar e superar a crise de identidade. Refere-se a esta crise como sendo o aspecto psicossocial na adolescência e afirma que a força psicossocial depende de um processo total que regula ao mesmo tempo os ciclos de vida individuais, a sequência das gerações

e a estrutura da sociedade, uma vez que os três se desenvolveram juntos. Considera (3p.76) que "a personalidade se desenvolve de acordo com passos pré-determinados - na disposição do organismo humano a ser impulsionado a, a ser consciente de, a interatuar uma gama cada vez mais ampla de indivíduos e instituições significativas".

Como aspectos fundamentais da vitalidade mental que devem se desenvolver na vida, situa o sentimento de confiança básica, o sentimento de autonomia e o sentimento de iniciativa. Cada um destes estágios se converte em uma crise porque o crescimento e a consciência incipientes de uma função parcial correspondem a uma mudança na energia instintiva e causam uma vulnerabilidade específica neste setor. Neste sentido, cada passo seria uma crise potencial em função da grande mudança de perspectiva.

O sentimento (") de confiança básica é proposto por Erikson como requisito fundamental da vitalidade mental, como uma atitude penetrante em direção a si mesmo e ao mundo derivada das experiências do primeiro ano de vida. Por confiança entende "uma essencial seguran-

(") Por "sentimentos de", Erikson (3p.79) entende "algo profundo que penetra a superfície e inclui o que experimentamos como conscientes e o que é apenas consciente ou completamente inconsciente".

ça plena nos outros e um sentimento fundamental da própria confiabilidade " (3p.79). A confiança básica seria a " pedra angular da personalidade".

No estágio oral da primeira infância, numa primeira fase o bebê passa por um estágio incorporativo, onde ele é receptivo a tudo o que lhe é oferecido, mas também é sensível e vulnerável. Aceita e recebe tudo o que lhe é dado.

Num estágio oral secundário já se observa o amadurecimento das capacidades para perseguir e desfrutar de uma aproximação mais ativa e dirigida. Com olhos e ouvidos estabelece uma percepção mais aguda e seletiva do mundo externo. Pode levantar a cabeça e girar e com mãos e braços pode tocar e segurar os objetos mais firmemente. A crise do estágio oral pode situar-se na coincidência no tempo de três desenvolvimentos, o impulso violento para incorporar, obter e observar mais ativamente, a crescente consciência de si mesmo da criança como pessoa diferente e o gradual afastamento da mãe que volta às atividades das quais havia se afastado na época do parto. Neste estágio surge uma sensação de perda básica, de destruição da unidade que antes era formada com a matriz. Isto parece introduzir na vida psíquica um sentimento de divisão e nostalgia difusa, " de perda do paraíso ". É aqui que a confiança básica deve estabelecer-se e manter-se contra a combinação de impressões de haver sido privado, dividido e abandonado que deixam o resíduo da desconfiança básica.

Para Erikson, o primeiro e mais antigo sentimento de identidade é o que surge do encontro da mãe com a criança, um encontro que implica em confiança e reconhecimento mútuo. A base do sentimento de identidade da criança se encontra no estágio oral, no qual a quantidade de confiança extraída das primeiras experiências infantis depende muito mais da qualidade da relação com a mãe do que da quantidade absoluta de alimento ou de demonstrações de afeto. O sentimento de confiança é criado na medida em que se estabelece uma relação que procura combinar a satisfação das necessidades individuais do bebê com um firme sentimento de confiança pessoal. - Isto constitui a base do sentimento de identidade da criança, que futuramente vai se combinar com um sentimento de estar muito bem, de ser ele mesmo e de chegar a ser o que as outras pessoas esperam que chegue a ser.

O sentimento de autonomia está ligado ao estágio anal da primeira infância ("). Desenvolve-se na criança, (paralelamente a um sentimento de satisfação do controle da liberação voluntária e retenção), uma habilidade geral, uma necessidade violenta de alternar a retenção e a expulsão voluntárias, segurar com firmeza e expulsar intencionalmente tudo o que toma. A caracterís-

(") A palavra "anabilidade" designa a qualidade de prazer e obstinação que estão vinculadas com os órgãos eliminatórios desta fase.

tica deste estágio seria a habilidade cada vez maior para coordenar pautas de ação altamente conflitivas, caracterizadas por tendências de reter e soltar. Ainda - que extremamente dependente, a criança começa a experimentar sua vontade autônoma.

O sentimento de auto-contrôle, sem a perda da auto-estima, dá origem ao sentimento do livre-arbítrio. A participação dos pais na educação com relação ao controle dos esfíncteres, leva a uma sensação de perda de auto-controle ou de um controle excessivo por parte dos adultos, e a partir daí, desenvolve-se uma propensão à dúvida e à vergonha. A vergonha está ligada à consciência de estar parado ou exposto e a dúvida tem relação com a consciência de possuir uma parte dianteira e uma traseira com seus focos libidinais e agressivos nos esfíncteres e nas nádegas, que não pode ser vista pela criança e que pode ser dominada pela vontade dos outros.

Assim como o sentimento de confiança da criança é o reflexo da fé nos pais, o sentimento de autonomia é o reflexo da dignidade dos pais como seres autônomos. O estágio de autonomia corresponde à primeira emancipação da mãe e a sua importância para o processo de formação da identidade corresponde ao valor que se adquire para ser um indivíduo independente capaz de escolher e orientar seu futuro.

O sentimento de iniciativa relaciona-se com o estágio fálico do desenvolvimento infantil, quando a criança aprende a mover-se mais livremente e mais violentamente.

tamente, pode compreender e perguntar sobre as coisas em função do aperfeiçoamento de sua linguagem e pode expandir sua imaginação em função de suas melhores condições de locomoção e linguagem. Surge daí um sentimento de iniciativa que constitui, para Erikson, a base de um sentido realista de ambição e propósito. Neste período, o comportamento infantil caracteriza-se em grande parte - por um "modo intrusivo" de atuação, seja no espaço (através da locomoção), nos ouvidos e mentes das outras pessoas (pela voz agressiva), no desconhecido (pela curiosidade), em outros corpos (pelo ataque físico) e frequentemente o pensamento do falo penetrando o corpo feminino. Esta época é ainda caracterizada pela demora que separa a sexualidade infantil da maturação sexual física. É uma fase conflitiva onde, segundo Freud, se instalam o Complexo de Édipo, sentimentos de culpa e o complexo de castração. Neste momento, para Erikson, a consciência é o grande governador da iniciativa. A criança passa a ter medo de ser descoberta e escuta a "voz interior" da auto-observação, da auto-direção e do auto-castigo que a divide radicalmente dentro de si mesma, colocando-se aí a ontogênese da moralidade que desempenha papel importante na resolução dos conflitos em relação às figuras parentais.

A importância desta fase no processo de desenvolvimento do sentimento de identidade é muito grande, uma vez que é o momento em que as crianças buscam novas identificações, na procura de um campo de iniciativa me

nos conflitivo e culposos do que o vinculado com a rivalidade existente em relação à família. Se os pais estabelecem um bom relacionamento com os filhos, bom nível de camaradagem, os sentimentos de culpa se integram numa consciência forte mas não severa e o estágio edípico conduz à determinação do que é possível e tangível que relaciona as fantasias infantis com as diversas metas da tecnologia e da cultura.

Erikson considera que os atos agressivos dos homens estão ancorados no estágio de iniciativa e que este fato tem grande importância na gênese e também na confusão da identidade.

A contribuição essencial deste estágio no desenvolvimento da identidade é "a liberação da iniciativa da criança e de seu sentido da existência de um propósito nas tarefas dos adultos, que prometem (mas não garantem) a realização de todas as suas capacidades".

Depois da primeira infância, onde se desenvolvem basicamente estes três sentimentos acima descritos, Erikson introduz o "sentimento de laboriosidade", que irá aparecer na idade escolar. É a época em que a criança recebe instrução sistemática e em que se dá a entrada do jogo no mundo que ela divide com os outros. Ela aprende a ser reconhecida do momento em que produz coisas, desenvolve perseverância e se adapta às leis inorgânicas do mundo dos utensílios. Neste estágio corre os riscos - do sentimento de inferioridade (em uma sensação de estranhamento frente a si mesmo e suas tarefas) que pode

ser bastante reduzido do momento em que houver um professor capaz de destacar aquilo que a criança pode fazer ou de reconhecer um problema psiquiátrico.

É neste momento também que a sociedade global passa a ser significativa para a criança ensinando-lhe - após que a preparam para a realidade e a economia. - É um estágio decisivo em relação à atividade social uma vez que a "laboriosidade" implica em fazer coisas junto com os outros e constitui a base para a participação - cooperativa na vida adulta produtiva.

Este estágio tem grande importância no desenvolvimento da identidade pois através dele a criança percebe o que pode aprender e o que pode fazer funcionar, o que constitui não só o começo como também a limitação de sua identidade.

Tendo atravessado estágios de desenvolvimento vital da primeira infância e da idade escolar, o indivíduo chega a adolescência, período descrito como bastante confuso, ambíguo e ambivalente. A maioria dos autores coloca aí o problema central da crise de identidade, entre eles, Erikson (3), Grinberg (11) e Knobel (21).

Para Erikson, na busca de um novo sentido de continuidade e "mesmidade" que tem que incluir também a maturidade sexual, o adolescente tem que enfrentar crises de épocas já passadas antes de estar em condições de instalar ídolos e ideais que perdurem e conduzam a uma identidade final. O ambiente infantil é substituído pela sociedade e o adolescente atravessa uma "moratória psi-

cosexual", onde não se requerem papéis específicos e se permite experimentar o que a sociedade tem para oferecer, com a finalidade de permitir a posterior definição da personalidade.

A posição do adolescente é de buscar homens e idéias nos quais possa confiar, de procurar uma oportunidade de ter o consentimento dos outros para escolher um dos caminhos do serviço e do dever à sua disposição, de se dispor a confiar nas pessoas que proporcionem maior âmbito imaginativo às suas ambições e de escolher uma ocupação, uma profissão, que vai além de um problema de remuneração e status. Em geral o que mais parece perturbar o adolescente é a sua dificuldade na escolha de uma ocupação, de apegar-se ao que Erikson chama de "identidade ocupacional".

Erikson fala ainda em um período de "moratória psicossocial", onde não se exigem papéis específicos do adolescente e ele experimentando livremente, pode encontrar seu lugar na sociedade, a fim de permitir a futura definição de sua personalidade. Entende por (3p.127) - "moratória, um período que se concede a alguém que não está pronto para cumprir uma obrigação ou que se impõe a aquele que deveria dar-se tempo a si mesmo. ("A moratória psicossocial corresponderia à demora em relação aos compromissos adultos e constitui um período que se caracteriza por variações individuais e institucionais relacionadas com as diferentes culturas.

Finalmente, para Erikson, " formação da identidade começa onde termina a utilidade da identificação.-

Ela surge da rejeição seletiva e da assimilação mútua - das identificações infantis e de sua absorção em uma nova configuração, que por sua vez, depende do processo pelo qual uma sociedade identifica ao jovem, reconhecendo-o como alguém que teria que converter-se no que é e a quem, por ser o que é, o reconhece".

Também para Knobel (21) o período infantil e a adolescência não devem ser vistos somente como uma preparação para a maturidade, sendo a identidade uma característica de cada momento evolutivo.

Ele considera a adolescência como um momento do desenvolvimento, cuja "consequência final seria um conhecimento do si mesmo como entidade biológica no mundo, e todo biopsicosocial de cada ser neste momento da vida" (21p.43). Dada a importância das transformações corporais neste período, ele agrega ao conceito de self como entidade psicológica, o conhecimento do substrato físico e biológico da personalidade.

Knobel observa o fato de que o adolescente pode adotar identidades diferentes em sua busca de sua própria identidade. Menciona as identidades transitórias, adotadas durante um certo período, as identidades ocasionais, que se dão quando o jovem se defronta com situações novas e as identidades circunstanciais que conduzem a identificações parciais transitórias. Estas "identidades" são adotadas de maneira sucessiva ou simultânea pelo adolescente e constituem aspectos da identidade adolescente. Esta, caracteriza-se pela mudança de relação

do indivíduo, basicamente com seus pais. A presença externa dos pais começa a ser desnecessária e a separação deles passa a ser necessária. Com as figuras parentais internalizadas e incorporadas à sua personalidade, o sujeito pode iniciar seu processo de individuação.

A busca incessante de saber que identidade adulta ~~vai~~ ~~ser~~ ~~alcançada~~ ~~no~~ ~~espelho~~, é angustiante e a força para superar este momento depende das primeiras figuras introjetadas que vão formar a base do Ego e do Super Ego, deste mundo interno do ser.

Grinberg (11) coloca o processo de formação da identidade relacionado a três vínculos de integração básicos (espacial, temporal e social) considerando que toda a evolução da personalidade e da busca de identidade está ligada ao processo vital evolutivo.

O vínculo de integração espacial estaria relacionado com a importância da noção do próprio corpo com a fantasia de uma "pele-contínua" que resiste à ansiedade de desintegração e dispersão dos primeiros anos de vida. O estabelecimento da noção do esquema corporal que se estende além dos limites do corpo e compreende uma relação espacial e temporal dependerá da percepção do corpo como unidade, através das reações da criança diante do espelho. A primeira reação da criança frente à sua imagem no espelho é a percepção deste reflexo como se fosse real e a tentativa de captá-lo em seguida, vem a percepção de que não é um ser real e ela já não tenta apreendê-la, e finalmente reconhece no espelho a sua própria imagem. Assim, se obterá a conquista da identidade do sujeito, pela imagem total que antecipa a uni

dade do corpo.

Por outro lado, a imagem corporal é um fenômeno social, sendo que a imagem de um indivíduo não é possível sem as imagens corporais de outras pessoas, uma vez que o corpo é sempre a expressão de um Ego, e de uma personalidade e está sempre dentro do mundo.

É nas experiências corporais que se baseia o sentimento de identidade sexual. Estas experiências - vão desde a primeira infância até a idade adulta e são correlativas de fantasias inconscientes muito complexas, do caráter libidinoso e agressivo em relação com os objetos primários, pré-edípicos e edípicos. Assim, a identidade sexual adulta será determinada pela evolução da identidade sexual durante as etapas pré-edípicas e edípicas.

Esta identidade sexual é extremamente influenciada pelas pautas culturais em sua apreciação e determinação.

O vínculo de integração temporal se relaciona com as ligações entre as diferentes representações do self no tempo, estabelecendo uma continuidade entre elas que seria a base do sentimento de "mesmidade".

As integrações temporais, para Grinberg (11), "se baseiam em recordações das experiências passadas, - que por sua vez configuram novas recordações que ficam armazenados no inconsciente. Estas recordações incorporadas, assimiladas e automatizadas, possibilitam o processo de aprendizagem e o reconhecimento da própria i-

dentidade através do tempo. A capacidade de recordar - se do passado e imaginar-se no futuro faz com que o indivíduo saiba que é o mesmo que foi ontem e que será amanhã".

A capacidade de seguir sendo ele mesmo através do tempo e da sucessão de mudanças e transformações constitui a base da experiência emocional da identidade do indivíduo. Em algumas pessoas surge a angústia diante da mudança, em função das fantasias de perda ou aniquilamento da própria identidade.

O indivíduo passa por diversas crises em seu processo evolutivo normal desde o seu nascimento. A diferenciação progressiva que a criança vai estabelecendo entre self e não-self desde que nasce, passa por crises evolutivas sendo que na adolescência isto é nitidamente observável quanto ao sentimento de identidade. É na adolescência que se processa a integração da sexualidade no self, de maneira confusa e conflitiva, uma vez que as transformações no corpo do adolescente o levam a sentimentos de perda em relação ao seu passado infantil. A elaboração adequada das perdas correspondentes a cada etapa da vida, contribui para consolidar no indivíduo o sentimento de ser uma entidade real e diferenciada, com continuidade no tempo e lugar no espaço.

O vínculo social se relaciona com a conotação social da identidade, a relação dos aspectos do self com aspectos dos objetos, através dos mecanismos de identificação projetiva e introjetiva.

Segundo Grinberg, através dos mecanismos de

projeção e introjeção a criança, que inicialmente ao nascer não tem noção da diferenciação entre sua pessoa e o mundo externo, desencadeia o processo de formação de sua identidade, na medida em que vão se constituindo seus dois mundos (externo e interno). Por outro lado, o desenvolvimento do sentimento de identidade se baseia nas identificações introjetivas, predominando sobre as projetivas que tem uma participação fundamental na formação dos símbolos.

Freud (5) estudando as identificações, conclui por uma importância muito grande da influência do meio ambiente no desenvolvimento do indivíduo, acentuando a teoria do Super-Ego como uma teoria operacional que explica como a sociedade atua sobre o indivíduo. Para ele, o Super Ego seria um sistema constituído de certas características específicas de todos os objetos internos. Assim, a sociedade passaria a ser uma entidade interna assimilada à estrutura íntima do indivíduo.

Para Grinberg, o primeiro contato da criança com a sociedade é representado pela mãe. Partindo de uma bagagem constitucional básica, organiza uma personalidade em função das influências ambientais, em princípio representadas pela mãe, pai e irmãos.

Na adolescência, entretanto, a estabilidade de a parente é rompida e a perturbação cada vez maior e inevitável das relações objetivas vai girar em torno da patologia da identidade do indivíduo. A ~~esta~~ nesta fase se caracteriza pelas vicissitudes do desenvolvimento psicológico e é aumentada pelo fracasso dos grupos fa-

miliar e social para solucioná-la em função de suas próprias crises. Isto cria no adolescente momentos de despersonalização que se refletem muitas vezes na busca desesperada de se instalar em uma determinada identidade. Segundo Grinberg "o adolescente, por sua própria problemática, é representante de uma estrutura em crise que compreende a família e a organização social; se transforma então em porta-voz dos grupos sociais marginais justamente por ser ele mesmo um sujeito em transição e por estar marginalizado em nossa sociedade" (11p.104). -

Analisando o problema da crise de identidade na adolescência, Grinberg enfatiza basicamente as posições da família e da sociedade neste conflito. Ele considera (11p.105) praticamente impossível estudar a adolescência sem considerar a sociedade em que se desenvolve", concordando com Spiegel em sua afirmação de que o "Super Ego e o ideal do Ego do adolescente derivam da família e da sociedade que o rodeia" (29).

O mundo adolescente para Grinberg, deve ser considerado como "uma verdadeira estrutura social" que se caracteriza, por um lado, pela instabilidade proveniente das mudanças psicobiológicas e a insegurança oferecida pelo ambiente social e, por outro lado, pela busca de um continente estável que ofereça solidez e garantia a sua identidade insegura. Este continente é procurado na vida grupal, onde existe a possibilidade de projeção de partes distintas de si mesmo nos membros do grupo, os quais podem assumir papéis que complementam e permitem ao adolescente assumir o seu próprio papel. -

A importância dos papéis na formação do sentimento de identidade é muito grande do momento em que através deles se estabelece a relação das pessoas entre si e com a sociedade. Grinberg acha que os conceitos de self falso ou verdadeiro estariam relacionados com o conceito de papéis. Os papéis tem como função básica regular o comportamento individual com as normas do grupo, mas nem todos influem da mesma maneira na formação da identidade e nem todos são obrigatórios. Eles são rapidamente introjetados pelo indivíduo, transformando-se em normas de conduta inconscientes. Servem de pontos de referência para que os indivíduos se comuniquem entre si mas são assumidos de maneira diferente segundo cada indivíduo.

Entretanto, os papéis podem servir de disfarces da própria identidade do sujeito, criando-se assim o problema de autenticidade da identidade. Para Erikson (3) a autenticidade da identidade é conseguida na medida em que o indivíduo encontra no meio ambiente, social, objectos especiais com os quais se identifica de maneira clara e funciona de maneira que a sociedade espera que funcione. Esta busca de autenticidade no adolescente se reflete na sua forma de rebelar-se contra os papéis que a sociedade lhe impõe e de lutar para modificar os sistemas sociais repressores.

A crise adolescente com relação à identidade reflete, por um lado, a resistência e o temor das mudanças psicobiológicas por que passa o adolescente, que é acompanhado da angústia frente a ameaça de perda da identidade e, por outro lado, o medo de não mudar que im

plicaria na manutenção das pseudo-identidades.

VI - A crise de identidade na adolescência - Importância do meio ambiente

Antes de entrarmos na crise de identidade da adolescência propriamente dita e na influência do fator social, ambiental, institucional nesta crise, achamos necessário localizar a identidade como parte do processo de aprendizagem, dentro da identificação, no contexto global de desenvolvimento da personalidade. Em outras palavras, achamos que o sentimento de identidade e sua formação não pode ser tomado como fenômeno isolado para estudo, mas como parte de um processo mais geral, de desenvolvimento da personalidade como um todo psico-social.

Neste sentido as idéias de Haggard (13) e Holt (17) podem nos dar os subsídios necessários ao estudo da formação do sentimento de identidade e sua crise na adolescência, dentro de uma Teoria de Personalidade. Haggard prefere encarar as mudanças de personalidade em função de mudanças que ocorrem no indivíduo e/ou no contexto ambiental através do tempo. Com esta orientação, estuda as mudanças significantes no meio ambiente que podem efetuar mudanças marcantes de personalidade, através da análise dos efeitos que o isolamento experimental ou externo (voluntário ou involuntário) podem exercer sobre as pessoas.

Entendendo por personalidade "como uma pessoa é" levanta o problema da distinção entre personalidade e aprendizagem e propõe um sistema comportamental que pretende conceitualizar personalidade e mudanças de personalidade. Seu sistema envolve três componentes básicos de cuja interrelação depende o desenvolvimento e maturidade do indivíduo. Estes componentes seriam:

- A - As energias do comportamento - corresponderia ao que se chama em geral de impulso primário ou básico, drive ou estado motivacional.
- B - As estruturas e esquemas que regulam e organizam o comportamento, que podem ser instas ou adquiridas, envolve as maneiras pelas quais o indivíduo interage com seu ambiente e parece, em nossa opinião, referir-se mais ao conceito de Ego tal como já foi definido neste trabalho.
- C - O contexto ambiental no qual o comportamento ocorre refere-se às partes ou ao total dos estímulos ambientais, realidade, campo ou contexto, incluindo - seus aspectos culturais, sociais, e físicos, com os quais o indivíduo (componentes A e B) deve relacionar-se.

Tomando estes três elementos como uma unidade conceptual, Haggard propõe o desenvolvimento da personalidade tomando como ponto de partida a existência de estruturas e/ou esquemas B primitivas, quando o indivíduo nasce, que permitam articulação mínima ou adaptação entre A e C normais para os recém-nascidos. Desenvolvem-

do-se as estruturas neurofisiológicas, novos esquemas -
vão se desenvolver no sentido de facilitar as novas ar-
ticulações ABC sob condições cada vez mais complexas -
mas relativamente mais especificáveis de A e C. Considera
que no ser humano o sistema é inicialmente dominado pe-
lo componente A, sendo a criança "praticamente toda ID",
desenvolvendo-se com o tempo o componente B em relação
à complexidade crescente de C. Os componentes B e C
aos poucos passam a desempenhar papel importante na de-
terminação do comportamento e vai se solidificando uma
definição crescente entre eles, na sua relação, de ma-
neira a que os indivíduos se diferenciam em suas defini-
ções e relações AB, BC e ABC. O desenvolvimento dos es-
quemas B depende da existência de A e C suficientemente
imperativa. Considerando A_e e C_e como as condições fa-
miliares a um B_e dado, Haggard coloca esquematicamente
o desenvolvimento de B da seguinte maneira: B_e se desen-
volve sob componentes A_e e C_e diferem significativamente
de A_e e C_e , então B_e não será ativado. Se esta mudança
for relativamente moderada, o sistema total tenderá a
manter a interrelação $A_e B_e C_e$ e, caso isto não seja possí-
vel, a definição de B modificará, em função das mudan-
ças nas características de C_i , na natureza de A e nas re-
lações entre estes dois componentes. Neste caso a ten-
dência é que se desenvolva um novo esquema B e uma nova
relação AB, apropriada ao novo C_i . Se não acontece o
desenvolvimento do esquema B, o sistema pode entrar em
stress. Se a situação se agrava, não sendo o sistema ca

paz de manter as relações habituais $A_e B_e C_e$, de desenvolver um B_i apropriado ou reinstalar o C_e , a integridade comportamental do sistema é perdida.

Quando o indivíduo é confrontado com as condições desconhecidas de C_i , a tendência inicial é atuar como se não tivesse ocorrido a mudança de C_e para C_i , tendência esta que envolve tentativas de comportamentos que são mais relevantes para C_e do que para C_i , tais como - procurar aspectos de C_i que são familiares. Quando estas atividades relacionadas ao C_e podem ser mantidas, as perturbações características antes associadas ao C_i podem ser minimizadas. Conclui-se então que a severidade das perturbações comportamentais são proporcionais à extensão e duração da disparidade entre C_e e C_i . Caso o indivíduo seja obrigado a permanecer sob as condições de C_i , depois que ocorreram mudanças marcantes nos componentes A e B do sistema, envolvendo uma redefinição destes componentes e de suas interações, é de se esperar que tais mudanças de personalidade sejam substancialmente mais profundas e duradouras. Neste caso, pode-se afirmar que a estabilidade da " personalidade " e outras formas de comportamento repousa sob a estabilidade dos componentes A, B e C de suas relações.

Holt (17) considera o comportamento como função em parte do meio ambiente e de seus estímulos e pressões, afirmando que qualquer mudança de comportamento implica em manipulação do meio ambiente.

Considera o organismo, por definição, como uma organização que muda constantemente, assimila novas

experiências que modificam seus controles neurais, incorpora uma confusão incessante de processos físico-químicos, renova a maior parte de suas moléculas e átomos em poucos anos e é vulnerável a milhares de golpes no seu delicado equilíbrio homeostático. Por outro lado, o meio ambiente é inconstante, mantendo uma constância aparente que evoca padrões repetidos de comportamento que não é simplesmente um grupo de respostas a estímulos, medidos por hábitos e estruturas semelhantes. As pessoas diferem, entretanto quanto ao grau em que as estruturas que vão mediar suas respostas aos estímulos estão bem integradas e estabelecidas. Nas áreas onde ainda não existem estruturas pré-estabelecidas, é fácil realizar mudanças de comportamento e estabelecer uma estrutura através da aprendizagem que irá garantir sua continuidade.

Segundo Holt, para mudar um comportamento indesejável que é produzido por uma estrutura, é necessário que se mude a estrutura, destruindo-a ou desativando-a. Isto se faz nas terapias em geral através da regressão e da comunicação controlada e deliberada para facilitar a construção de novas estruturas. As estruturas psíquicas seriam quase indestrutíveis e uma vez formados padrões de comportamento, estes irão produzir alterações permanentes no organismo. Embora obsoletos, enterrados e aparentemente inexistentes, por muitos anos podem ser revividos por regressão. Quanto mais aprendida a estrutura e quanto mais integrada estiver no centro da personalidade, mais ela resistirá à destruição ou mes

mo ao desmantelamento temporário.

Para Holt, para que seja possível uma alteração da personalidade é necessário que haja uma ampla co operação da pessoa e que o novo comportamento esteja compreensivelmente relacionado com aspectos importantes pré existentes na identidade da pessoa. Por outro lado, é preciso que sejam alterados os suportes ambientais e os reforços do comportamento que se quer alterar e que sejam alimentados os suportes situacionais do novo comportamento.

Dentro de sua teoria, Holt coloca como fator central organizador da personalidade e talvez o mais crítico para uma melhor compreensão das tentativas para induzir mudanças, a identidade. Sua definição de identidade é bastante ampla e preferimos transcrevê-la na íntegra (17p.315).

"A identidade de uma pessoa é uma estrutura complexa, vagarosamente mutante, profundamente estabelecida, com ramificações nas suas atitudes, ideologias, crenças e conhecimentos, nos seus sentimentos de valor, ~~segurança~~, pertencimento ou isolamento, culpa, vergonha, superioridade ou inferioridade: nos seus padrões de relacionamento com outras pessoas, particularmente com as figuras na sua família de orientação; nos seus ~~est~~ estos e los sociais e culturais com ~~ancestrais~~, companheiros, religiosos, vizinhos, pessoas de grupo étnico comum e outros grupos de referência que tenham importância para ela, em seus padrões pessoais de conduta, suas metas, ideais ou imagens orientadoras; em suas defesas e contro

les sobre impulsos e ansiedades e em quase todos os outros departamentos da personalidade que se possa pensar".

Holt justifica sua colocação em termos da importância da identidade para o problema de mudanças de personalidade alegando que há um importante constituinte dela - o sentimento da pessoa de continuidade pessoal que, sendo forte, pode ser um baluarte contra a mudança fácil em seu comportamento. Para ele, finalmente, a identidade constituiria um elo "entre o mais íntimo sentido de self e permanentes estruturas no meio ambiente da pessoa - suas posses, seus amigos, conhecidos, compatriotas, etc."

Se tentarmos olhar o problema da crise de identidade adolescente à luz da Teoria de mudanças de personalidade de Haggard veremos que em grande parte a problemática se deve à falta de uma relação estável e equilibrada com o meio ambiente. Segundo ele, quando um indivíduo normal se defronta com condições ambientais que são radicalmente diferentes daquelas que ele se acostumou, ele mostra tipicamente uma deteriorização de seus padrões habituais de comportamento. Defrontando-se com uma mudança de C_e para C_i e não possuindo um B_i adequado, experimenta logo perturbações comportamentais como resultado do impacto das condições de C_i . Na ausência do B_i adequado, o B_e se torna instável e deteriora mais por causa da ausência do previamente suportivo C_e do que pela presença de C_i .

Durante o curso normal da vida, os indivíduos abandonam ou perdem sem grandes perturbações, partes de

seu mundo familiar. O que vai determinar as perturbações e a gravidade das alterações do comportamento não é a quantidade do contexto familiar perdido, mas o quanto é perdido do que mais importa para o indivíduo. É a perda dos objetos catetizados e suas relações que perturba mais ao indivíduo. O que vai estabilizar o esquema B e ajudar o indivíduo a controlar seus impulsos e energias, é a presença de objetos catetizados e as relações entre eles no ambiente. Esta seria, segundo Haggard, outra maneira de referir-se ao "processo de socialização" do sujeito, que envolve mecanismos adaptativos que o capacitam para utilizar ou dirigir suas energias em relação ao seu meio ambiente. De frente com o novo C_1 , o indivíduo passa por um processo que se poderia chamar de "resocialização". Mas, é preciso considerar que o processo de adaptação a um novo C_e dado não pode ser definido apenas em função das propriedades desta situação, sendo necessário considerar o indivíduo em relação a isto. A capacidade adaptativa do indivíduo vai depender das relações características entre A e B cujas propriedades incluem a plasticidade, articulação e autonomia. Os indivíduos variam enormemente em relação ao seu funcionamento mais ou menos dependente do meio ambiente. Para Haggard, (13p.463) "é bom" para o indivíduo que ele desenvolva uma autonomia suficiente (de maneira a que seja "estável", "independente" e tenha uma "boa força de Ego") mas não demais (de maneira a que ele fique "fora de contato com a realidade")".

Considerando a posição do indivíduo em relação ao seu meio ambiente, Haggard acha que ele permanece no seu mundo remanescente de C_e ou adota um C_e "como se", até que possa desenvolver os mecanismos B_i que o tornam capaz de enfrentar a situação C_i . O ideal é que o indivíduo catetiza alguns aspectos de C_i para poder desenvolver o B_i necessário a sua adaptação ao C_i . Pode acontecer que, tentando adaptar-se ao C_i , o sujeito distorça a percepção deste C_i , fundindo-o um " C_e como se" no atual C_i ou tentando danificar os aspectos de C_i considerados intoleráveis. Isto quer dizer que C_i é percebido ou distorcido, articulado com os componentes A e B. Outra distorção no período de adaptação ao C_i é a distorção temporal, pela qual os sujeitos fingem estar ainda no passado mundo de C_e ou acreditam que encontrarão alívio em C_i retornando ou recuando para C_e .

Em suma, quando um indivíduo sobrevive ao novo contexto ambiental (C_i) que se impõe no seu desenvolvimento ele aprende a controlar seus impulsos e afetos e a lidar de maneira efetiva com seu meio ambiente. Sua sobrevivência dependerá não só dos fatores ambientais mas também do tipo de pessoa que ele é e de como ele se relaciona com seu meio ambiente. Sobrevivendo e adaptando-se bem, a consequência será uma mudança na sua personalidade e na sua vida mental. A extensão da mudança que irá se operar na personalidade de um indivíduo vai depender da discrepância entre C_e e C_i .

Achamos que estes conceitos e formulações são da maior importância na compreensão do período adoles -

cente como fase de mudança de comportamento e personalidade e de sua crise de identidade. Utilizando a terminologia de Haggard, diríamos que o adolescente, que até então vivia em relação com um passivo (C_e) mundo infantil, defronta-se neste momento com um mutante e inconstante (C_1) mundo adulto, no qual se exige que ele entre. Suas estruturas e padrões de comportamento (B_e) envolvem relações de dependência com o meio familiar e o contexto ambiental. Na adolescência, ele vê-se obrigado a romper com as antes eficazes estruturas infantis (B_e) e desenvolver rapidamente estruturas (B_1) agora mais independentes do meio, ao mesmo tempo em que deve elaborar a perda do antigo meio acolhedor e protetor. O choque parece se dar na medida em que as solicitações do meio ambiente mudam de uma posição de proteção para uma exigência de decisões e colocações mais maduras.

Parece evidente que a crise se instala do momento em que o indivíduo percebe que não pode mais relacionar-se com seu meio através das estruturas que antes vinham surtindo efeito, mas não se encontra ainda preparado estruturalmente para adotar uma posição segura frente à nova realidade que se impõe. Tenta então utilizar-se de estruturas (B_e) antes funcionais, regride a comportamentos antigos ou adota comportamentos de ruptura com o meio uma vez que não se sente em condições de enfrentá-lo. Isto explicaria talvez a instabilidade do comportamento adolescente, ora tentando conquistar o novo ambiente adulto através de atitudes de dependência mais ou menos passiva, ora ensaiando comportamentos no-

vos dentro dos esperados pelo meio, ora revoltando-se e assumindo atitudes negativistas e até mesmo autistas .

No início da adolescência, parece haver um comportamento bastante semelhante à atuação que Haggard coloca quando um indivíduo se defronta com um novo C_1 : a tendência inicial é de adotar comportamentos mais relevantes para C_0 do que para C_1 . Isto envolveria as tentativas do adolescente de permanecer criança, de manter comportamentos infantis que parecem satisfazer os adultos. Haveria aí um período relativamente calmo, onde a crise ainda não estaria instalada, em que as perturbações de C_1 ainda podem ser minimizadas. Sendo obrigado a permanecer no contexto ambiental novo (C_1) e percebendo a ineficácia da atuação em termos de estruturas antigas (B_0) dá-se o choque, a crise que levará a uma reformulação interna e que, no desenvolvimento normal, culminará com a superação de mais uma fase de desenvolvimento, com a solidificação de novas estruturas (B_1) e com um encontro maior consigo mesmo, uma aproximação maior de sua identidade como pessoa.

Tomando-se em conta o adolescente como indivíduo bio-psicofisiológico, a compreensão da crise iria mais longe. Ou seja, além de defrontar-se com condições ambientais novas, realidade externa diferente, o adolescente defronta-se ao mesmo tempo com suas transformações fisiológicas e biológicas, com as mudanças no seu próprio corpo, e no seu mundo interno paralelamente. Encontra-se diante de um mundo externo e interno novos e tem que adaptar-se rapidamente para poder sobreviver.

Levando-se em conta o que Holt (17) entende por organismos pode-se perceber até que ponto é esperado um choque frente às mudanças que se operam na organização do todo do indivíduo na adolescência. Por um lado há um organismo mutante e por outro lado um ambiente inconstante, ambos de um modo geral incontrolláveis quanto às suas rápidas transformações. Neste contexto geral o adolescente é induzido a efetuar mudanças mais ou menos violentas de personalidade, para que possa sobreviver e aproximar-se mais de sua identidade. Holt coloca como fator central organizador de mudanças, na personalidade o sentimento de identidade por seu constituinte básico, o sentimento de continuidade da pessoa.

No adolescente, a nosso ver isto parece ser basicamente verdadeiro. Na fase adolescente o indivíduo sofre o impacto de uma realidade tão nova e tão exigente que passa a temer por sua continuidade como pessoa na vida, no mundo e em relação a si mesmo. Ainda não encontrou sua identidade própria, não se sente bastante integrado consigo mesmo a ponto de poder defrontar-se com o meio que se lhe aparece sem temer pela sua integridade e sua continuidade no tempo.

Quanto a isto, suas reações são as mais variadas e instáveis, parecendo serem características nos dias de hoje a adesão a ideologias mais ou menos radicais, como tentativa de integração ou encontro através da participação ou pertencimento a grupos que lhe parecem mais ou menos seguros e coerentes ou a adesão aos tóxicos, como forma, de muitos casos, de isolamento mais radical,

tentar mergulhar em seu mundo interno para aí achar as respostas para as perguntas que se faz ou que lhe são colocadas e para as quais não encontra na maioria das vezes soluções mais precisas. Isto é observado frequentemente na prática da Psicologia Clínica. Trabalhando há alguns anos com adolescentes podemos verificar sua ansiedade e sua angústia existencial nesta fase de mudanças radicais e sua opção por estes tipos de comportamento acima descritos. Mais adiante neste trabalho, apresentamos dois casos que exemplificam estes dois tipos de reação ao mesmo problema, atendidos no Instituto de Psicologia da PUC, a princípio sob o pretexto de Orientação Vocacional.

Teoricamente, o problema da adesão a ideologias radicalmente foi bastante estudado sobretudo por Erikson (3) e Grinberg (11 e 12).

Erikson (3p.15) entende por "sistema ideológico" um sistema coerente de imagens, idéias e ideais com partidos que proveem a seus participantes de uma orientação total coerente, sistematicamente simplificada no espaço e tempo, em seus meios e seus fins". Ele procura estudar as funções que uma ideologia teria em relação a adolescência e conclui por uma série de vantagens que ela oferece a juventude no sentido de evitar uma "confusão de valores", através de um "compromisso ideológico".

Para ele, a ideologia oferece ao jovem (3p.15) "a perspectiva simplificada do futuro que abarca todo o tempo previsto, contra atacando a "confusão temporal"

dividual, uma certa correspondência entre o mundo interior dos ideais e dos males e o mundo social com suas metas e perigos, a oportunidade de exibir alguma uniformidade quanto a aparência e o comportamento que neutralize a consciência da identidade individual; o móvel para uma experimentação coletiva com os papéis e as técnicas que ajude a vencer uma sensação de inibição e culpa pessoal; a introdução ao "ethos" da tecnologia predominante e deste modo à competência autorizada e regulamentada; uma imagem do mundo histórico-geográfica que sirva de marco a identidade incipiente do jovem, um fundamento lógico para um modo de vida sexual compatível com um sistema de princípios convincente e a submissão a líderes que como figuras sobre-humanas ou "irmãos maiores estão acima da ambivalência da relação pai-filho".

Achamos que esta definição de funções de uma ideologia para o jovem dada por Erikson abarca realmente os pontos básicos dos motivos do compromisso ideológico como reação ao conflito básico de ~~base~~ encontro consigo mesmo e tentativa de apoio e encontro de adolescente em grupos mais coesos e que lhe oferecem alguma segurança. Grinberg (11) adota uma posição semelhante quando afirma que o jovem busca integrar-se em grupos ideológicos em função da necessidade psicológica de assegurar de maneira mais firme o seu sentimento de identidade. Considera que os grupos ideológicos podem funcionar como um continente abarcador e delimitador na medida em que discriminam e consolidam a ideologia e a identidade de seus membros. Para ele, o indivíduo nestes gru

pos se sente mais integrado e completo em função da projeção de suas partes no grupo e na ideologia, controladas e seguras, sabendo onde estão no presente e onde estarão no futuro. A adesão a ideologia parece, desta forma, amenizar a angústia frente a morte, uma vez que todo sistema ideológico inclui um caráter prospectivo, envolve um futuro.

Levando-se em conta a importância dos elementos de semelhança e diferença para a formação da identidade, segundo Grinberg, a adesão a um grupo ideológico com base na semelhança permite ao jovem diferenciar-se daquilo que não é o grupo, do resto da comunidade, dando-lhe a possibilidade de não perder-se na sociedade e de não cair numa identidade individual rígida.

Ainda para o mesmo autor, a adesão a uma ideologia pode se dar por "submetimento", "por imposição" ou "por identificação com o agressor". Nos três casos, há um sentimento de identidade deficitário e uma tentativa de controle das ansiedades internas através do pertencimento a um grupo externo que parece dar ao adolescente a possibilidade de sentir-se mais forte. De qualquer maneira, é bastante evidente teórica e praticamente, que a ideologia de um indivíduo está enraizada na história de sua vida e ligada a um contexto emocional bastante amplo. As ideologias são tão carregadas emocionalmente em função de sua relação com as bases da identidade.

A ideologia é utilizada por cada indivíduo de acordo com as características próprias de quem as usa. - Neste sentido, observa-se que há adolescentes que se u-

utilizam de um sistema ideológico usando mais mecanismos repressivos do que outros, sendo a escolha de uma ideologia feita em função do nível em que se estabelece o sentimento de identidade: de um modo geral, as escolhas de ideologias mais dogmáticas e rígidas são feitas por jovens cujo sentimento de identidade não se encontra ainda estabelecido de maneira mais sólida e as mais progressivas são escolhidas por aqueles que já possuem sua identidade mais definida.

Como exemplo deste tipo de reação à confusão de identidade, relataremos a seguir o caso de A, que atendemos no Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e que nos foi encaminhado para fins de Orientação Vocacional.

Antonio é um adolescente de 17 anos, filho único de família de nível sócio-econômico elevado. Não trabalha, recebe uma boa mesada do pai e estuda em colégio considerado como de alto padrão de ensino, desde o primeiro ano primário. Situa-se entre os primeiros alunos de sua turma (3º científico) apresentando bom nível intelectual e resultados bastante elevados nos testes de aptidões específicas quando passou pelo processo de Orientação Vocacional. Tem uma namorada com a qual diz manter um "relacionamento profundo" que permite "toda a intimidade" não havendo "apenas a concretização do ato sexual" pois sua atual "filosofia de vida" lhe permite amar sem que haja necessidade de utilizar o sexo para demonstrar seu afeto. Considera-se calmo, "capaz de sublimar os seus problemas, criticando-se por sua

"mania de julgar as pessoas, de perfeição". O tipo de vida que espera ter está ligado a uma "vida boa, está - vel, livre para pensar, pesquisar, viver", considerando como o maior fracasso na vida desiludir-se com as pesoas, consigo mesmo ou com sua profissão.

Apresenta um desenvolvimento normal, tendo - nascido de parto a termo e possuindo uma anamnese den - tro dos padrões normais. Atualmente queixa-se apenas de sua falta de sono (dorme apenas de três a quatro horas por noite) e de sua gagueira que só se manifesta em de - terminados momentos.

Até os quinze anos, viveu num bairro de clas - se média, mais ou menos residencial, tendo então se mu - dado com os pais para uma casa num bairro de nível so - cial mais elevado. Dos doze aos quinze anos, começou a irritar-se com a "superproteção da mãe" e com a mania do pai de "viver no passado, pensando no futuro". Sentia-se mimado e diferente dos demais, quando então aderiu a grupos de adolescentes em sua rua e conheceu toda a es - pécie de tóxicos. Segundo ele, embora não concordasse e não se sentisse à vontade consigo mesmo levando aquele tipo de vida, passou a fumar maconha "pois todos fumavam" e esta era a forma de sentir-se integrado no grupo. Aos poucos percebeu que isto não lhe satisfazia, embora sen - tisse que sob o efeito do tóxico aproximava-se mais de si mesmo e descobria seu mundo interno. Mas sabia que estava fazendo alguma coisa proibida e sentia-se culpa - do diante dos pais. Nesta época teve suas primeiras re - lações sexuais, passando a mantê-las com todas as meni

nas que namorava. Isto também começou a preocupá-lo pois "percebia que aquilo não era amor, "que era pura satisfação sexual" dando-lhe a sensação de "promiscuidade". Até a consecução de sua primeira relação sexual, havia praticado a masturbação, o que também o deixava culpado.

Data desta época o aparecimento do sintoma da gagueira, o qual nunca foi tratado pois ele "sabe que - pode controlar". Queria mudar de amigos e de vida mas não conseguia pois mesmo que não os procurasse, era procurado por eles. Seus pais não tinham conhecimento do tipo de vida que levava e ele sentia culpas e remorsos por pensarem que "seu filho era um bom rapaz". Coincide - "felizmente", segundo ele, que nesta época os pais resolvem mudar-se para uma casa melhor, num bairro mais residencial. Antonio mostra-se bastante satisfeito pois - pensa que a distância geográfica destes grupos facilitará o rompimento com os tóxicos e com a vida "desregulada" que levava. Para ele, este foi um período muito importante de sua vida, pois conseguiu descobrir muitas coisas a seu próprio respeito "através do efeito da maconha sobre sua mente". Mas ficou muito contente com a mudança.

Mudando-se, rompe com os amigos e com os tóxicos e começa a namorar uma "moça direita". É então convidado a assistir uma reunião de um grupo religioso que ficaria três dias reunido discutindo problemas de fé e de vida. Nesta reunião descobre "a verdade do amor" e percebe a saída para seus problemas: adesão incondicional a este movimento religioso. Engaja-se a princípio como participante-ouvinte, chegando hoje a líder e organi

zador, ministrando palestras e planejando os encontros .
Dedica praticamente todo o seu tempo livre ao movimento,
chegando mesmo a perturbar seus estudos pois é muito so-
licitado em função de sua capacidade de comunicação. Ho-
je em dia gagueja pouco, sendo que quando faz as pales-
tras não apresenta nenhum sintoma; ao contrário, sente-
se calmo e tranquilo. Gagueja mais quando fala de si
mesmo e de sua namorada. A grande verdade descoberta
na ideologia religiosa que abraçou de maneira incondicio-
nal é a capacidade de "amar todas as pessoas que conhe-
ce e não conhece, mesmo aquelas das quais não gosta". O
"amor" passa a transcender o "gostar" e ele se sente mui-
to maduro, negando-se a acreditar que não se trata de a-
ceitar apenas as pessoas, mas sim de amá-las realmente ,
não importa como sejam, que emoções e afetos lhe desper-
tem. No seu grupo ideológico é muito respeitado e con-
siderado e sua perspectiva em termos de futuro é a con-
versão do maior número de pessoas possível à sua crença.
Sente-se muito bem agora, pois a vida que leva é aceita
por todo mundo, participada pelos pais e vivida aberta -
mente. Defende com veemência seus pontos de vista e sua
fé, achando que enfim conseguiu encontrar-se e sentir-se
igual as outras pessoas.

O caso de Antonio nos ~~é~~ bastante típico
dentro do que tentamos colocar em relação a adesão a tó-
xicos e a ideologias radicais como forma de reação à cri-
se de identidade. Ou seja, Antonio chega a um momento
de sua vida em que se sente "diferente", estranha-se a
si mesmo e não consegue localizar bem seus desejos e

suas necessidades. A primeira oportunidade que a sociedade lhe oferece de descobrir quem é chega através de grupos toxicômanos. Ele parece integrar-se no grupo e entregar-se aos seus membros na tentativa de, através da detecção das semelhanças e diferenças que possa observar entre ele e os outros, descobrir quem é realmente e o que quer. Percebe entretanto que o tóxico o faz chegar mais perto de alguma coisa que teme, alguma coisa que está dentro de si mesmo e que precisa ser descoberta e integrada de maneira mais lúcida e madura. Seu temor o leva a afastar-se da pesquisa mais madura pois neste momento já se sente culpado diante dos pais e do resto da sociedade que condenaria sua conduta. Sua opção é o rompimento com este caminho que parece levar a partes muito obscuras e temidas dele mesmo.

A atitude dos pais é ambígua, ora superprotegendo-o, ora proporcionando-lhe uma maior liberdade, sob a alegação de que ele não é mais uma criança mas também não chega a ser um adulto com maturidade suficiente para conduzir-se por si mesmo. É difícil para ele assumir os comportamentos mais adultos que se esperam dele e ao mesmo tempo há a "tentação" de deixar-se levar pela proteção exagerada e acomodar-se em atitudes infantis - que, em dado momento, parece gratificar enormemente aos pais. Questiona-se sobre todos os valores éticos, intelectuais e sociais que recebeu dos pais e professores, mas falta-lhe coragem para assumir um possível rompimento com eles. O tóxico o ajuda a sentir ~~mas~~ mas não se sente em condições de assumir todas as suas an -

gústias e preocupações quando se encontra lúcido e consciente.

Rompendo com os tóxicos sente-se relativamente aliviado de sua culpa mas permanece a necessidade de engajar-se, de integrar-se, de participar de grupos onde possa se sentir igual e, ao mesmo tempo, avaliar as diferenças, pesquisar sua individualidade.

É aí então que adere ao movimento religioso-radical que lhe é oferecido pelo meio social. É a mesma necessidade de integração, de sentir-se igual e diferente dos outros ao mesmo tempo, é ainda a sua angústia frente às dúvidas em relação a si mesmo, a busca de sua identidade como pessoa no mundo. A adesão a este grupo ideológico traz a sensação de aceitação social da convivência dos adultos. Por outro lado, em termos de futuro sua ansiedade é aliviada diante da perspectiva de uma vida após a morte; a crença e a entrega a um ser onipotente e eterno, que realiza as fantasias neste sentido e abre a porta da saída intelectual, racional. É neste momento que começa a sentir-se "calmo, capaz de sublimar os seus problemas."

Em suma, o que tentamos mostrar com o caso de Antonio foi a forma de reação à crise de identidade que atravessa que adotou e que é frequentemente observável na prática clínica com adolescentes. Em outras palavras, procuramos exemplificar com um caso prático, nossa opinião de que o meio social está diretamente ligado com a crise existencial adolescente com relação a sua identidade, na medida em que, como no caso específico que

acabamos de descrever, lhe oferece alternativas de engajamento pessoal em grupos ideológicos sob certos aspectos rígidos e radicais na tentativa de sobreviver ao estado confusional de valores em que se encontra.

Antonio sente-se, atualmente, encontrado consigo mesmo e menos confuso em relação aos seus papéis, uma vez que optou por uma posição vital ligada a uma ideologia baseada em metas existenciais tão elevadas que ele não precisa se angustiar pois sabe que é humano e que não chegará à perfeição. Neste sentido, Erikson (3) chama a atenção para o fato de que além da significação ideológica que as metas e os valores tem para o adolescente, existe ainda a característica de todas as ideologias de uma perspectiva de salvação ou reforma, aventura ou conquista, razão ou progresso.

Ainda segundo Erikson (3p.154) " a necessidade imediata de combinar em um sistema de idéias tanto o ódio irracional contra si mesmo da própria identidade negativa (") como o repúdio irracional de outros, aos quais se vive como hostis, às vezes torna os jovens mortalmente compulsivos e intrinsecamente conservadores justamente onde e quando parecem mais anárquicos e radicais". A escolha de uma identidade negativa está sempre ligada a um conjunto de condições nas quais resulta mais fácil para o adolescente obter um sentimento de identidade a partir de uma identificação total com que menos ele mesmo pre-

(") Por "identidade negativa", Erikson (3p.142) entende "uma identidade baseada perversamente em todas as identificações e papéis que, em estágios críticos do desenvolvimento, foram apresentadas aos adolescentes como os mais desejáveis ou mais perigosos e, não obstante, como os mais reais".

sume que seja, do que lutar por um sentimento de reali-
dade em papéis aceitáveis mas que seus recursos inter-
nos não lhe dão a possibilidade de alcançar.

No caso de Antonio isto parece ser bastante
verdadeiro, no sentido de que passa da identificação com
papéis "anárquicos" para uma colocação existencial bas-
tante "conservadora", o que leva a crer que nenhuma des-
tas duas formas de comportamento estaria realmente liga-
da ao que ele deseja de si mesmo e dos outros ou seria
representativo de sua identidade positiva, real. Não se
sentindo em condições de assumir aquilo que realmente -
presume ser, elege uma identidade negativa, através da
identificação total com que menos espera de si mesmo, pe-
la carência de recursos internos para lutar por aquilo -
que deseja.

Esta carência de recursos internos estaria li-
gada ao estado confusional geral do adolescente, sobre-
tudo no que diz respeito à sua identidade: é a confusão
temporal, a sensação de premência, de urgência na solu-
ção de seus problemas; é o estranhamento de seu próprio
corpo, que o leva a insegurança fundamental quanto à sua
definição genital; é a confusão de valores, por um lado
na rejeição a todo o sistema de idéias que a sociedade -
tentam lhe impor, gerando comportamentos de revolta e rup-
tura violenta, e, por outro lado, a sedução de valores -
conservadores e promissores que aplacam suas ansiedades
e lhe trazem a sensação de tranquilidade aparente e paz
consigo mesmo e com os outros; é, finalmente, a angústia
diante do futuro, da vida adulta que terá que assumir; é

em última instância, o medo da morte. Nesta situação de transição, o adolescente flutua entre sua necessidade de solidão e comunicação, entre as idéias que tem de bondade a maldade, egoísmo e altruísmo, ascetismo e sexualidade. Apresentando-se desta maneira, defronta-se com um mundo externo, uma realidade adulta que, sentindo-se ameaçada, por este crescimento desorganizado, instável e muitas vezes incoerente e paradoxal, reage com uma incompreensão, ou rejeição muito grandes, adotando de um modo geral a saída do reforçamento da autoridade.

A reação ou o tipo de comportamento que o adolescente adotará diante de sua crise de identidade vai variar enormemente em função do meio social em que estiver inserido. Suas atitudes, em nossa opinião, estarão sempre bastante ligadas às soluções e alternativas que o meio socio-cultural que o rodeiam possa oferecer. O estado intenso de confusão de identidade entretanto (guardadas as diferenças individuais) apresenta características e origens comuns a todos os casos, ligadas ao fato de que nesta fase o indivíduo é colocado diante de uma série muito grande de novas experiências que exigem seu compromisso com uma intimidade física, (e ele estranha - seu próprio corpo) com uma escolha profissional decisiva (e ele teme o futuro), com uma competência enérgica (e ele se sente bastante inseguro e ambivalente diante do mundo de coisas, pessoas e idéias que o cercam) e com uma auto-definição psico-social.

Segundo Erikson (3) a dificuldade em assumir a intimidade física leva a uma posição narcisista do adolescente em suas relações amorosas, que busca definir

os limites de sua própria identidade através do seu reflexo nas outras pessoas. Suas relações parecem ter frequentemente um caráter de "aprendizagem", que leva quase sempre a uma idealização de seu objeto de amor e a uma passividade na tentativa de aprender elegendo um líder ou um guia para amenizar sua ansiedade. Quando isto não funciona, o adolescente retrocede a uma posição de introspecção e auto-exame, que de um modo geral leva ao isolamento. Este isolamento implica numa privação sexual, levando quase sempre à prática de masturbação que, pretendendo ser um alívio para a pressão que ele sente, de um modo geral agrava a tensão já existente.

Outra manifestação da crise no adolescente seria a dificuldade em concentrar-se e produzir nas tarefas que lhe são propostas. Aparece aí um sentimento de desvalorização pessoal ou incompetência que se reflete sempre na aparição do sintoma de isolamento também. Aqui, na maioria dos casos o isolamento aparece acompanhado de alguma atividade compensatória (a leitura excessiva, dedicação isolada à crise artística, etc.) como forma de aliviar a tensão através da sensação de estar aprendendo, assimilando coisas ou criando.

O isolamento, em muitos casos, mais do que o engajamento radicalizado e polarizado em grupos sociais, ameaça fortemente o mundo dos adultos. Na maioria das vezes os pais preferem as atitudes aparentemente mais revoltadas de seus filhos que manifestam um comportamento explosivo e abertamente agressivo, do que o isolamento acompanhado da mudez e passividade do adolescente pois,

nestes casos, é mais difícil para eles a imposição de sua autoridade, o contróle daquilo que se passa no mundo interno de seu filho. A revolta e a atitude mais abertamente assumida e comprometida leva os pais a reagirem e, no melhor dos casos, a pedirem ajuda profissional especializada. Nesta situação eles se manifestam aparentemente seguros, organizando suas queixas e colocando sua participação nos problemas de maneira, de um modo geral, mais segura e definida. No caso do isolamento, para eles é mais difícil detectar o que realmente lhes incomoda, porque se sentem ansiosos uma vez que, concretamente, o filho não os perturba. Então eles aparecem bem mais angustiados, queixando-se apenas da fato de saberem que o filho não está bem consigo mesmo, que ele não perturba propriamente, mas que eles sentem que precisa ser ajudado. Sua atitude nestes casos é de extrema ansiedade, alegando quase sempre que não entendem o isolamento do filho, pois "fazemos o que podemos para vê-lo feliz e ele está sempre triste e calado". Em muitos casos a tendência é solicitar do adolescente que assumira uma posição, que coloque seus problemas, na tentativa de se situarem diante dele.

Outro caso que atendemos também para fins de Orientação Vocacional exemplifica bem este tipo de reação e comportamento adolescentes em relação à sua crise de identidade.

Vitor tem 17 anos, está no segundo ano colegial e tem um bom nível sócio-econômico. Seus pais se separaram quando tinha nove anos de idade e desde então

viu o pai apenas duas vezes não sabendo atualmente dizer nem onde ele mora nem o que faz. A mãe casou-se de novo há seis anos atrás, e foi muito difícil para Vitor aceitar este casamento, segundo a mãe "por problemas de ciúmes". Nesta época foi atendido por uma psicóloga e o problema "parece ter sido contornado". Vitor passou oito anos interno num colégio em outro estado do país, tendo ido morar na casa dos avós quando voltou a viver com a família por brigar muito com seus três irmãos com os quais dividia o mesmo quarto. Segundo a mãe e o próprio paciente, atualmente ele se dá muito bem com o padrasto e o avô materno, sendo estas as únicas pessoas - (fora do "grupo de amigos maconheiros") com quem mantém algum diálogo.

Há dois anos, quando estudava no colégio interno, Vitor começou a fumar maconha tendo tido experiências com ácido lisérgico na época em que voltou a conviver com os pais. Durante o atendimento parou de tomar tóxicos, alegando ter sido advertido por "entidades espíritas" de que aquilo lhe fazia mal. A mãe é espírita e foi aí que encontrou a solução para que o filho parasse com os tóxicos.

Vitor nos chega através do psiquiatra que o atendeu quando seu padrasto levou-o para uma consulta. A mãe queixa-se de seu "desinterêsse sexual, apatia, não estuda e fica horas deitado no quarto, fuma maconha há dois anos e parece ter parado agora. Gosta de pintar quadros estranhos com traços de tristeza. Tem mau gênio e é nervoso". Descreve sua atitude em relação ao filho como de "compreensão até um certo ponto". Tentou

"compreender" quando soube que ele fumava maconha (nunca soube do LSD) mas "chegou a um ponto" em que foi "obrigada a proibir a saída dele com seus colegas maconheiros" percebendo que desde então ele não tem mais nenhum amigo. Não tem problemas disciplinares no colégio mas, por outro lado, segundo a mãe, "não estuda nada".

Vitor é um rapaz bonito fisicamente, veste-se de maneira "hippie" e apresenta-se nas primeiras sessões de modo tímido evitando olhar de frente para nós e dizendo que "não sente nada de especial que o preocupe - mais em relação a si mesmo". Acha que está bem e que seus pais é que não devem estar, uma vez que se preocupam tanto com seu modo de viver. Não se acha propriamente triste, gostando apenas de ficar só para poder pensar direito e pintar seus quadros "em paz". O tipo de vida que gostaria de ter seria "uma vida simples, fazendo aquilo que gosto, sem me preocupar com dinheiro". Há algum tempo atrás queria escolher uma profissão que lhe desse segurança financeira, "queria ser rico e viver como um burguês". Hoje, depois de começar a descobrir-se através do "fumo", sente-se mais capaz de compreender-se e "analisar meus sentimentos". O dinheiro não o preocupa mais e sua vontade maior é fazer o que gosta, desenhar e pintar. Sente-se "realizando-se" através dos seus quadros, ama-os e os considera "muito mais do que simples quadros, são como páginas de um diário". Acha-se compreensivo e calmo mas sente-se "um pouco confuso". "Apesar do mau gênio" se vê como uma pessoa "passiva e mansa", gostando muito de ficar calado e sozinho para

controlar sua agressividade. Passou muitos dias tranca-
do em seu quarto fumando e saindo somente para comprar
maconha sem conseguir pintar. Acha que quando parou de
tomar tóxicos e começou o seu trabalho de pintura "fo-
ram solucionados todos os seus problemas maiores". É
bastante inteligente apresentando um tipo de inteligên-
cia prática e objetiva. Não tem namorada atualmente,
pois não sente necessidade. Já teve várias namoradas
com as quais mantinha relacionamento sexual, mas atual-
mente passa por um período de abstinência sexual pois só
entende este tipo de relação com um sentido maior de
amor pleno, completo. Acha que o ato sexual só tem sen-
tido inserido neste contexto maior de sentimentos, e co-
mo não se sente "apaixonado" por ninguém prefere "não -
procurar o sexo". Mas não vê problema em relação a is-
so, considerando ser apenas uma posição individual qu-
se filosófica" diante da questão.

Este caso parece exemplificar bem o que queri-
amos colocar teóricamente a respeito do isolamento como
forma de reação ao sentimento de estar perdido em rela-
ção a si mesmo e dentro da sociedade, característico da
crise de identidade adolescente.

Vitor chega a um momento de sua vida onde se
exige dele uma definição sexual-genital, atividade pro-
dutiva e eficácia nas tarefas que lhe são propostas, es-
tabilidade de humor e equilíbrio. Isto se reflete de ma-
neira bastante clara e explícita nas queixas básicas que
sua mãe coloca, respectivamente: "desinterêsse sexual",
"apatia e falta de empenho nos estudos", "tristeza, mau
humor e nervoso". O que os pais e o ambiente familiar -

que o cerca esperam dele é que assuma uma posição madura no meio adulto que o recebe quando volta do internato, depois de oito anos de afastamento deste ambiente. Sua instabilidade afetiva-emocional é bastante visível e a primeira maneira de fugir a estas exigências que escolhe é o tóxico, conseguindo mais tarde racionalizar o problema para poder amenizá-lo, reduzir a culpa e ter mais direito a aceitação dos que o rodeiam. Segundo Knobel (22p.83), "a necessidade de intelectualizar e fantasiar se dá como uma das formas típicas do pensamento do adolescente... A necessidade que a realidade impõe de renunciar ao corpo, ao papel e aos pais da infância, assim como a bissexualidade que acompanhava a identidade infantil, defronta o adolescente com a vivência do fracasso ou de impotência frente a realidade externa. Isto obriga também o adolescente a recorrer ao pensamento para compensar as perdas que ocorrem dentro de si mesmo e que não pode evitar... O intelectualizar e o fantasiar servem de mecanismos defensivos frente a estas perdas tão dolorosas".

A necessidade de Vitor de recorrer a uma "entidade espírita" para resolver seu problema com o tóxico, mostra bem a sua tentativa de racionalização da situação que o leva a uma solução mágica, utilizando os recursos de sua fantasia. Em sua colocação do problema verbaliza que largou o tóxico porque "a entidade espírita pediu" alegando que "aquilo lhe fazia mal". Ele evita assim ter que parar para pensar, refletir e questionar o fato e chegar à solução que lhe parece mais próxi-

ma do que realmente quer. Usa mecanismos de defesa para tranquilizar-se mas não resolve o problema pois segundo ele mesmo, ainda se "sente confuso".

Para Ana Freud (8) a intelectualização e o ascetismo são mecanismos de defesa típicos da adolescência tendo o primeiro como função estabelecer a ligação entre os fenômenos instintivos e os conteúdos ideativos tornando-os acessíveis à consciência e controláveis e o segundo, manter o id dentro de certos limites e proibições. Em Vitor estes dois mecanismos estão bastante presentes, e se refletem nas soluções que pretende ter dado para problema da maconha e de sua indefinição genital. Quanto a este segundo problema, adota a posição de um ascetismo sexual rígido, conseguindo assim, manter-se "calmo e tranquilo" a este respeito.

A solução que encontra para seu conflito com o ambiente social e familiar é o isolamento que lhe permite a segurança de produzir, pintando seus quadros e sentindo desenvolver-se dentro de si mesmo todo um processo de criatividade e o adiamento de uma definição sexual-genital através do ascetismo da racionalização do problema em termos de "filosofia de vida".

Sua posição, embora conflitiva internamente, ameaça os pais na medida em que foge ao seu controle. A posição destes passa de uma "compreensão inicial" para uma tentativa desesperada de imposição de autoridade proibindo os amigos e estabelecendo os limites de sua liberdade individual dentro do ambiente familiar. Sua reação a este tipo de autoridade é aparentemente passiva

mento, silêncio - mas constitui uma conduta agressiva de negação a um engajamento social e familiar maiores, um desprezo por suas idéias e valores, uma aparência de auto-suficiência e de onipotência com relação às soluções para seus próprios problemas e para sua vida.

VII Resumo e conclusões

Neste trabalho, pretendemos estudar a crise de identidade do adolescente, basicamente de um ponto de vista psico-social. Concordamos com Grinberg (11p.105) - quando ele afirma que "é praticamente impossível estudar a adolescência sem considerar a sociedade em que se desenvolve". Para este autor, "o mundo adolescente deve ser considerado como uma verdadeira estrutura social cujos integrantes conformam uma multidão ansiosa que oscila entre dois polos: 1) a instabilidade determinada por suas mudanças psicobiológicas e a insegurança que oferece o ambiente social, e 2) a busca de um continente estável que ofereça solidez e garantia a sua insegura identidade". (11p.106).

Parece-nos ser da maior importância o estudo das funções que desempenham os papéis na formação do sentimento de identidade pois, podendo ser estes papéis positivos ou negativos, levarão necessariamente a identidades reais ou pseudo-identidades. Os papéis são assumidos em função das exigências de adaptação e ajustamento ao meio ambiente que, por sua vez, não é constante -

nem oferece segurança ao adolescente.

A importância do meio ambiente como fator básico e fundamental no desenvolvimento da pessoa humana deve ser tomada ainda, em termos mais gerais, como um dos elementos detonadores de mudanças de personalidade. Partimos, portanto, do princípio de que o contexto ambiental influencia a personalidade do indivíduo como um todo e atua fundamentalmente no processo de desenvolvimento e formação do sentimento de identidade.

Achamos ainda, como conclusão geral, que sendo dado um enfoque psico-social ao estudo do período de adolescência como fase evolutiva e especificamente, da crise de identidade adolescente, é possível dar uma conotação preventiva a todo o processo educativo que amenize a crise e dê ao indivíduo maiores possibilidades de elaboração de suas perdas.

Esta conotação preventiva pode vir a ser a tônica do atendimento psicológico ao adolescente, preparando-se para que venha a ter condições de assumir-se como adulto, de maneira madura, segura e estável. Este atendimento não pode basear-se exclusivamente nas características psicológicas individuais, sendo necessário ao profissional que se dedica a ajudar indivíduos nesta fase, uma abertura bastante grande no sentido de entendê-los dentro de seus contextos sociais próprios e mais gerais, para que seu trabalho seja construtivo e para que ele atinja realmente seu objetivo, ajudando seu paciente a encontrar-se e integrar-se como pessoa total, dotada de sua própria identidade.

Achamos, finalmente, que, independente das características individuais de cada pessoa com sua própria estrutura de personalidade, a crise de identidade adolescente tem suas origens fortemente enraizadas no meio ambiente em que o sujeito vive e n^os caracteres básicos da sociedade em que está inserido. O problema maior parece estar no descompasso entre as condições de elaboração e segurança do jovem e as exigências do meio social. De um lado temos o jovem, inseguro, confuso, com condições precárias de elaboração de perdas referentes ao seu mundo infantil; de outro, temos a sociedade que o exige como adulto, que se impõe como autoridade, que é inconstante e conturbada e que lhe oferece alternativas nem sempre válidas no sentido da busca de sua identidade. O choque entre estas duas partes parece dar origem a todo o processo crítico da fase da adolescência que, quando bem solucionado, permite ao indivíduo manter sua própria individualidade paralelamente a um engajamento e comprometimento social ajustado.

VIII - BIBLIOGRAFIA

1. Aberastury, A. e Knobel, M., La adolescência Normal (paidós - Biblioteca do Educador Contemporâneo, 1971)
2. Aberastury, A. e outros, Adolescência (Ed. Kargieman, Buenos Aires, 1961), cap. I, p. 15/42.
3. Erikson, E.H., Identidad, juventud y crisis (Paidós Biblioteca de Psicología y Sociología, Buenos Aires, 1968).
4. Erikson, E.H., The problem of Ego Identity, J. Am. Psychology. Anal. Ass. IV, (1956).
5. Freud, S., Psicología de las masas y analise del yo, Obras Completas, vol. I, p. 1119
6. Freud, S., Adress to the society of B'nai B'rith (1926), Standard Edition, Londres, Hogarth Press, 1959 nº 20, p. 273
7. Freud, S., El yo y el ello - Obras completas, vol. I p. 1190/1212, Ed. Biblioteca Nueva de Madrid, 1968.
8. Freud, A., El yo y los mecanismos de defensa, (Paidós Buenos Aires, 1969).
9. Gemelli, A. - Psicologia da Idade Evolutiva (Livro Ibero Americano Ltda. Rio de Janeiro, 1963).
10. Gendlin, E.T., A theory of Personality Change em Personality change, editado por Phipip Worchel e Donn Byrne, John Wiley & Sons, Inc., 1964, Part II, cap. IV p. 100/148.

11. Grinberg, L. e Rebecca, Identidad y cambio (Ed. Kargieman, 1971, Buenos Aires).
12. Grinberg, L., Culpa y depression. Estudio psicanalítico (Sentimiento de identidad y elaboración del duelo por el self). Buenos Aires, 1971.
13. Haggard, E.A., Isolation and Personality. Em Personality Change, editado por Philip Worchel e Donn Byrne, John Wiley & Sons, Inc., 1964, Part. IV, cap. 30, p. 433/469.
14. Hall, C.S., Lindzey, G., Teorias da Personalidade (Ed. Herder, Universidade de São Paulo, 1969, cap. XII, p. 509/549).
15. Hartmann, H., Essays on Ego Psychology. Selected Problems in Psychoanalytic Theory, International Universities Press, Inc., New York, 1965, Part I, cap. 7, Comments on the Psychoanalytic Theory of the Ego, p. 113/141.
16. Hartmann, H., Psicologia do Ego e o problema de adaptação.
17. Holt, R.R., Forcible Indoctrination and Personality Change. Em Personality Change, editado por P. Worchel e D. Byrne, John Wiley & Sons, Inc., 1964, Part. III, cap. IX, p. 289/318.
18. Jacobson, E., The self and the objects world. (New York, Int. Univ. Press, 1969).
19. Klein, M. e outros, Nuevas Direcciones en Psicoanálisis (Paidós, Buenos Aires, 1965 - Sobre la identificación, cap. XIII, p. 30).

20. Klein, M., Desarrollos en Psicoanálisis (Hormé, Buenos Aires, 1962).
21. Knobel, M., El pensamiento y la temporalidad en el Psicoanálisis de la Adolescencia. Em Adolescencia, Ed. Kargieman, p. 43.
22. Knobel, M., El síndrome de la adolescencia normal. Em la Adolescencia Normal, Ed. Paidós, Buenos Aires, 1971, cap. II, p. 35/109.
23. Laplanche, J. e Pontalis, J.B., Vocabulário da Psicanálise (Moraes Editores, Lisboa, 1970).
24. Paz, L.R., Adolescencia - Crisis de desimbolización. Em Adolescencia, Ed. Kargieman, p. 247.
25. Rolla, E.H.,* Vicisitudes del trabajo de desidealización en el adolescente. Em Adolescencia, Ed. Kargieman, p. 109.
26. Rogers, C.R., Client-centered Therapy. (The Riverside Press, Cambridge Massachusetts, USA, 1951, Part III: Implications for Psychological Theory, p. 481/533.
27. Segal, H., Introducción a la obra de Melanie Klein. (Ed. Paidós, Buenos Aires).
28. Symonds, P.M., The Ego and the Self.
29. Spiegel, L.A., Identity and adolescence. Em adolescents - A psychoanalytic approach to problems and the rapy - de S. Lorand e H. J. Schner, N.Y., Hoche Medical Division, Harper & Row Publishers Inc., 1964.